

# humanitas

**Vol. XXXI-XXXII**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXXI-XXXII



COIMBRA

MCMLXXIX-MCMLXXX

## INCUNÁBULOS PORTUGUESES EM LATIM (1494-1500)

Mais de dois terços dos incunábulos conhecidos em todo o Mundo são redigidos em latim e, destes, cerca de metade tem carácter religioso. Sem levar em conta as numerosas edições de textos bíblicos, que são uma constante da actividade editorial quatrocentista, o período incunabular é particularmente rico em livros litúrgicos (leccionários, missais, sacramentais, martirologios, rituais, pontificais, cerimoniais, etc.), apesar de ser este o domínio bibliográfico onde se regista o maior número de edições desaparecidas.

O uso do latim como língua internacional, por um lado, e o ascendente socio-cultural da Igreja Católica, por outro, explicam que assim seja. Mesmo quando, após a publicação das primeiras gramáticas em vernáculo, se começa a dar às línguas nacionais um adequado suporte normativo, ainda o latim continua a disfrutar, dentro e fora do âmbito religioso, de ampla audiência. Isso acontece não apenas em ramos do saber tradicionalmente ligados à prática da expressão latina — como o Direito, a Filosofia ou a Medicina — mas também no sector das «*humanae litterae*», onde a clareza, estabilidade e precisão do latim eram justamente apreciadas. Beneficiando do influxo humanista na cultura e na vida quotidiana, o latim será, durante o século XVI, o instrumento de comunicação mais adaptável ao intercâmbio ideológico entre países diferentes e à própria mobilidade das instituições em crise, cujo esforço de renovação passa, obrigatoriamente, pelo estudo e valorização do legado clássico.

A difusão da imprensa veio atenuar a hegemonia do latim e favorecer o desenvolvimento das línguas nacionais (1). Mas os resultados concretos da lenta acção vivificadora dos impressores no seio das línguas vulgares surgem bastante mais tarde: em certos países da

---

(1) Cf. LUCIEN FEBVRE e HENRI-JEAN MARTIN, *L'apparition du livre*, Paris, Albin Michel, 2.<sup>a</sup> ed., 1971, pp. 451-455.

Europa, são já visíveis na primeira metade do século xvii; noutros, porém, aparecerão somente em pleno Século das Luzes. Pode dizer-se, assim, que a resistência do latim foi longa e o avanço das línguas nacionais manifestamente lento. Até 1630 — quando a decadência das Feiras de Frankfurt fragmenta o mercado livreiro europeu (2) —, as brechas e cedências são pouco evidentes, atingindo, de modo especial, os países dominados pelas correntes da Reforma. Em contrapartida, no espaço geográfico da Contra-Reforma, é patente, graças à acção dos Jesuítas, a vontade de impedir a desagregação do edificio tradicional, de fomentar o estudo dos autores clássicos e de promover as expressões literárias neolatinas.

O caso português ilustra em escala muito reduzida o que se passou na Europa. Devido às suas características geográficas e sociais, Portugal reflecte predominantemente, nos fins do século xv, a influência do latim da Igreja, e a sua ligação às coordenadas culturais europeias do humanismo laico, no século xvi, faz-se mais pela via de modelos importados do que por força de um processo de autonomização.

No que respeita aos livros em latim que se imprimiram em Portugal durante o século xv, a estimativa proporcional das matérias aí versadas está de acordo com a regra internacional a que atrás fizemos referência: dos 9 incunábulos conhecidos, o maior número é formado de livros litúrgicos (quatro). Mas o latim está também representado noutros sectores da vida cultural, como a Astronomia (um título), a Pedagogia (três) e a Literatura (um).

Eis a lista completa desses livros, pela ordem da sua publicação:

1494 — *Breuiarium Bracharense*. (Braga, João Gherlinc.)

1496 — *Almanach perpetuum celestium motuum astronomi Zacuti*. (Leiria, Abraão d'Ortas.)

1496 — *Votiuale missarum secundum ritum Romane Curie*. (Lisboa, Valentim Fernandes.)

1497? — *Thesaurus Pauperum siue Speculum Puerorum editum a magistro Iohãne de Pastrana*. 1.<sup>a</sup> parte da *Grãmatica Pastrane*. (Lisboa, Valentim Fernandes.)

1497 — *Materiarum editio a Petro Rombo ex Baculo Cecorum*. 2.<sup>a</sup> parte da *Grãmatica Pastrane*. (Lisboa, Valentim Fernandes.)

---

(2) Idem, *ibidem*, p. 453.

- 1497 — *Materie Antonii Martini a Baculo Cecorum*. 3.<sup>a</sup> parte da *Grãmatica Pastrane*. (Lisboa, Valentim Fernandes.)  
 1497 — *Breuiarium ad ritum et consuetudinem alme Compostellane Ecclesie*. (Lisboa, Nicolau de Saxónia.)  
 1498 — *Missale secundum ritum et consuetudinem alme Bracharensis Ecclesie*. (Lisboa, Nicolau de Saxónia.)  
 1500 — *Epistole et Orationes quedam Cataldi Siculi*. (Lisboa, Valentim Fernandes.)

Trata-se, em todos os casos, de edições destinadas a um público restrito: breviários e missais para uso do clero; tábuas astronómicas para a navegação; compêndios gramaticais adoptados na Escola Geral; cartas e orações latinas de um humanista da Corte. E, se nenhuma delas procura responder às necessidades de um público mais vasto, é, simplesmente, porque essas carências não se faziam sentir, devido ao número limitado de pessoas que escrevia e lia a língua latina. Aliás, uma obra com tais características, capaz de compensar as despesas de investimento pela venda em mercado certo e amplo, só poderia ser a Bíblia — e esta publicava-se por toda a Europa, com recursos técnicos fora do alcance dos impressores instalados em Portugal. Isto sem esquecer que os manuscritos continuavam a circular em quantidade suficiente para as dimensões do mercado: a edição de um «livro de horas», por exemplo, que foi prática corrente em regiões de tradição feudal ou de acentuado predomínio da burguesia mercantilista, não teria sentido em Portugal, país governado à luz de uma concepção divina do Poder, que excluía a concorrência senhorial, e onde não havia grandes concentrações de capital.

Os impressores tinham consciência desta situação e sabiam com o que podiam contar. Haja em vista o modo como Valentim Fernandes, na «Prohemial epistola» da *Vita Christi* (1495), justificava o financiamento concedido pela rainha D. Leonor à edição portuguesa do texto de Ludolfo Cartusiano:

... e visto como nestes regnos som muyto mais os vulgares que os que a língua latina conhecem (...), mandou estãpar e de forma fazer em lingoa materna e portugues linguagem (...) as quatro partes do liuro intitulado vita xpi. (3)

---

(3) *Vita Christi*, Lisboa, Valentim Fernandes e Nicolau de Saxónia, 1495, liv. 1, fl. 2.v.º.

Cauteloso, atento à fisionomia do mercado português, Valentim Fernandes distinguia duas espécies de público: a dos letrados, dos que sabiam latim, e a do «simprez e nom letrado», formada por quantos não entendiam a razão de se chamar «Lusitania» a Portugal, «Hispalis» a Sevilha e «Albion» à Inglaterra, como dirá o impressor, em 1502, num passo da «Introdução» ao *Marco Paulo* (4).

A quota-parte das impressões de Valentim Fernandes no conjunto dos incunábulos em latim é, por isso, tão variada na escolha dos temas como uniforme e constante na exclusão de riscos comerciais. Quer se tratasse de um livro litúrgico (o *Votiuale missarum*), de uma miscelânea didáctica (a *Grãmatica Pastrane*) ou da obra de um humanista (as *Epistole et Orationes*, de Cataldo Sículo), era certo que Fernandes pouco ou nada arriscava: no primeiro caso, porque se tratava de uma encomenda da cúria de Lisboa; no segundo, por estar antecipadamente garantida a venda do livro aos alunos do Estudo Geral; no terceiro, porque era bem conhecida a projecção de Cataldo no círculo dos humanistas da Corte e porque haveria interesse da Casa Real na divulgação de certos textos aí incluídos, como as cartas de D. João II e D. Manuel, escritas em nome dos monarcas pelo seu secretário latino.

Também os livros litúrgicos impressos por João Gherlinc e por Nicolau de Saxónia, fruto de encomendas das autoridades eclesiásticas de Braga e Santiago de Compostela, respondiam a interesses convergentes: enquanto os cabidos diocesanos utilizavam a imprensa como meio de divulgação de ritos e costumes próprios das suas áreas de influência, os impressores viam custeadas as suas despesas e recompensado o seu trabalho, além de terem a possibilidade suplementar de aumentar os lucros através da venda, em exclusivo, dos livros litúrgicos. Tomando por modelo o contrato celebrado entre Nicolau de Saxónia e o Cabido de Santiago, para a impressão do *Breuiarium Compostellanum*, verifica-se que, logo após a conclusão da obra, o cliente adquiriria cerca de um terço dos exemplares impressos (5), o que tanto bastaria para cobrir as despesas totais; deste modo, a venda dos restantes dois terços reverteria integralmente para o impressor.

É ainda o mesmo sentido pragmático das oportunidades que está na origem da impressão do *Almanach Perpetuum* do astrónomo Zacuto,

---

(4) *Marco Paulo*, Lisboa, Valentim Fernandes, 1502, fl. Aiiij v.º.

(5) Reprod. por ATANASIO LÓPEZ, *La imprenta en Galicia (siglos XV-XVIII)*, Madrid, Biblioteca Nacional, 1953, pp. 14-15.

feita em Leiria pelo judeu Abraão d'Ortas. Tratava-se de uma obra indispensável à navegação, já que as tábuas astronómicas forneciam a longitude do Sol e a respectiva declinação para qualquer dia; mas a sua extensão (15 fólios de cânones e 157 de tabelas) tornava inviável uma edição de iniciativa particular. Daí o recurso ao patrocínio da Casa Real, que, segundo Joaquim Bensaúde, teria subvencionado a edição promovida por José Vizinho e confiada aos cuidados técnicos de Abraão d'Ortas:

L'impression de l'Almanach a sans doute commencé sous le règne de D. João; un travail de cette étendue à la fin du XV<sup>e</sup> siècle entraînait, en Portugal surtout, des dépenses considérables; on peut à peine concevoir la réalisation de cette publication autrement qu'avec l'appui royal. (6)

Da impressão leiriense do *Almanach Perpetuum* conhecem-se duas versões: uma com os cânones em latim (de cujo texto também há variantes) e outra com os cânones em castelhano. As explicações encontradas para o facto são de natureza diversa: segundo D. Manuel II, Zacuto não sabia latim e tinha, por isso, necessidade de uma versão espanhola (7); na opinião de Américo Cortez Pinto, a tiragem em castelhano teria sido feita «unicamente para garantir a sua venda aos pilotos menos eruditos, desconhecedores da língua latina» (8), tendo em vista o mercado espanhol, mais vasto que o português, mediante um texto acessível aos navegantes de ambos os países. É esta, na verdade, segundo cremos, mais uma prova das considerações de ordem económica que presidiam à elaboração do trabalho tipográfico.

No ponto de vista técnico, os incunábulos em latim atestam a presença de quatro famílias de caracteres góticos. As três obras impressas por Valentim Fernandes e o *Missale Bracharense*, executado por Nicolau de Saxónia, utilizam material de origem sevilhana. Os caracteres de texto do *Breuiarium Compostellanum*, também da oficina de Nicolau de Saxónia, são de proveniência desconhecida. O *Breui-*

(6) JOAQUIM BENSAÚDE, *Histoire de la science nautique portugaise; résumé*, Genève, A. Kundig, 1917, p. 71.

(7) D. MANUEL II, *Livros antigos da biblioteca de Sua Majestade Fidelíssima*, Londres, Maggs Bros, 3 vv., 1929-1935; v. 1, p. 90.

(8) AMÉRICO CORTEZ PINTO, *Da famosa arte da impressão*, Lisboa, Ulisseia, 1948, p. 182.

*rium Bracharense* é composto com tipos próprios de Gherlinc, que talvez os tenha fundido expressamente para esse efeito. O *Almanach Perpetuum*, enfim, documenta a única impressão gótica saída dos prelos hebraicos.

Quanto à temática das obras em latim, convém notar que a lei da oferta e da procura desde cedo começou a determinar as opções editoriais. Ora estas, naturalmente, em caso algum poderiam sair dos acanhados limites de circulação do livro impresso em Portugal; e, por isso, atendiam mais a critérios de utilidade imediata do que a pruridos de ordem cultural. Não fazia sentido, assim, editar livros de Teologia ou Filosofia, textos da Antiguidade Clássica e outras obras do mesmo tipo, que, aliás, circulavam manuscritas ou podiam ser lidas, através de edições estrangeiras, na língua internacional por excelência, isto é, em latim. A nota mais significativa desta «selecção editorial», digamos, é o seu carácter prático, ao qual se subordinam, na rudeza de uma actividade comercial incipiente, autores, impressores e agentes de difusão. Isso mesmo se depreende da motivação textual das obras latinas publicadas em Portugal, nos primórdios da actividade tipográfica, quer se trate de Liturgia, de Astronomia, de Pedagogia ou de Literatura. Vê-lo-emos de seguida.

#### LITURGIA

Três dioceses (Braga, Lisboa e Santiago de Compostela) se interessam de modo particular pela impressão de livros litúrgicos segundo o rito e os costumes das suas áreas pastorais: rito bracarense no primeiro caso, rito romano no segundo e rito compostelano no terceiro. A iniciativa parte de Braga, cuja liturgia, diferente da romana em vários pontos (9), tinha raízes seculares: imposta pela primeira vez em 561, como reacção às heresias priscilianistas, foi suprimida pelo IV Concílio de Toledo (633) e restaurada nos primórdios da independência de Portugal; a partir daí, resiste a todas as campanhas de unificação movidas pela Santa Sé e encontra-se bem arreigada em fins do século XV, quando se decide a impressão dos livros usados pelos clérigos de obediência ao rito e costumes bracarenses.

---

(9) Cf. BERNARDINO JOSÉ DE SENA FREITAS, *Memórias de Braga*, Braga, Imprensa Católica, 5 t., 1890; t. 1, pp. 273-294.



O regresso da cidade de Braga e seu termo ao senhorio e jurisdição do Arcebispo, por acordo com a Coroa (1472), viera aumentar os poderes e a influência dos prelados bracarenses. D. Luís Pires (1468-1480) é o primeiro a intitular-se «Senhor de Braga e Primaz das Espanhas», epíteto conservado até hoje pelos seus continuadores, apesar de meramente simbólico. Foi durante o governo de D. Luís que se reuniram os sínodos gerais de 1470 e 1477, o primeiro para fixação de normas litúrgicas do rito bracarense e o segundo para reforma das constituições diocesanas; ao sínodo de 1470 se refere o texto do *Breuiarium Bracharense* de 1494, a propósito do Ofício de Nossa Senhora e da Festa de Todos-os-Santos (fls. 322-323).

Após a morte de D. Luís Pires, o governo do arcebispado de Braga conhece um período de apagamento, que dura até 1488: D. João de Melo, escolhido em 1481, morre sem tomar posse; o seu sucessor, D. João Galvão, envolve-se nas querelas entre o rei D. João II e o papa Sisto IV, sobre o beneplácito régio, e não obtém o apoio de Roma, pelo que também morrerá sem entrar em Braga. A situação normaliza-se no pontificado de Inocêncio VIII, com a eleição de D. Jorge da Costa (1486-1501), irmão do Cardeal Alpedrinha do mesmo nome, mas o novo arcebispo apenas chega a Braga em fins de 1488.

Ora, logo no início do seu governo, D. Jorge da Costa convoca o clero da arquidiocese para um novo sínodo (Dezembro de 1488). Esta reunião é da maior importância para a história das origens da tipografia em Portugal, pois dela saiu, segundo se crê, a decisão de imprimir os livros litúrgicos do rito bracarense, a qual seria concretizada na publicação de três incunábulos: o *Breuiarium* de 1494, que João Gherlinc imprimiu em Braga; o *Manuale Sacramentorum* (ou Ritual), acabado em 1496, pelo mesmo impressor, em Monterrey (Galiza); e o *Missale* de 1498, impresso em Lisboa por Nicolau de Saxónia. Decisão capital, que atesta a importância do arcebispado de Braga no contexto da vida portuguesa da época, veio tornar acessível ao clero e às igrejas a aquisição de livros impressos, já que os manuscritos — observa Mons. J. Augusto Ferreira —, «além de caros, eram progressivamente menos úteis; com a multiplicação das abreviaturas feitas pelos copistas» (10). Acresce que os breviários, por

(10) MONSENHOR J. AUGUSTO FERREIRA, *Fastos episcopais da Igreja Primacial de Braga*, Braga, Mitra Bracarense, 4 t., 1928-1934; t. 2 (1931), p. 341.

exemplo, escasseavam cada vez mais, razão por que estavam presos nas igrejas com cadeias de ferro: «Muitos clérigos — sublinha o mesmo autor —, para cumprirem a obrigação da reza, faziam-no por breviário emprestado ou pelo que estivesse nas igrejas à disposição do público» (11).

O *breviário* era (juntamente com o *missal*, o *ritual* e o *pontifical*) um dos principais livros litúrgicos de Braga. Compunha-se de um núcleo central de textos (salmos e leituras temporais) e de uma parte acessória (peças destinadas ao canto), ambos provenientes de várias obras distintas que foram agrupadas num só volume ou resumo — donde a designação de «breviário» —, para facilitar aos clérigos a consulta diária das regras do ofício divino. Assim, compilaram-se no breviário, entre outras obras, o *saltério* (com os salmos, distribuídos pelos dias da semana), o *leccionário* (textos bíblicos e patrísticos, hagiografias e martirólogos, sermões e homilias), o *antifonário* (resposos e antifonas), o *hinário* (hinos) e o *colectário* (orações ou colectas).

Não se sabe exactamente qual a fonte manuscrita que serviu de modelo à composição do *Breviarium Bracharense* de 1494. Mas chegaram até aos nossos dias vários manuscritos que comprovam a existência de possíveis arquétipos do primeiro texto impresso, embora nenhum deles seja idêntico à versão de 1494: tal é o caso do *Breviário do Cónego Soeiro* (talvez do século xiv), do *Breviário pequeno* (da primeira metade do século xv) e do chamado *Manuscrito do Escorial* (12) (da segunda metade do século xv). Além destas espécies, havia na mitra bracarense dois outros manuscritos, também do século xv — o *Breviário de Velasco* e o *Breviário de letra miúda* —, que foram examinados no século xviii pelo Padre António Pereira de Figueiredo e devem ter desaparecido em 1866, no incêndio do Paço dos Arcebispos (13).

Tal como a de Braga, também a diocese de Santiago de Compostela mandou imprimir em Portugal o seu breviário, segundo o rito e os costumes particulares seguidos na Galiza. A ordem das maté-

(11) Idem, *Estudos historico-litúrgicos; os ritos particulares das igrejas de Braga e Toledo*, Coimbra, Coimbra Editora, 1924, p. 161.

(12) Cf. PEDRO ROCHA, «Um breviário bracarense na biblioteca do Escorial», in *Lusitania Sacra*, Lisboa, v. 9 (1970-1971), pp. 41-54.

(13) Cf. MONSENHOR J. AUGUSTO FERREIRA, *Estudos historico-litúrgicos ...*, ed. cit., pp. 276-278.

Incipit comunè sanctorū r pri mo in natale apofolorū. Cap. cimo qm diligētibus deū oīa coopātur in bonū hīa q̄ scōz pposituz vocati sūt

scī. **W**el si doctor fuerit. Cap. In medio eccleie aperuit os ei⁹: r impleuit eū dñs spiritu sapi entie r intellect⁹: stollāqz glorie in duit eum. Et istud vltimū cap. de bet dicit in festo cuiuslibet docto ris siue sit festū ap̄lī vel martiris seu pōtīfici⁹ vel nō pōtīfici⁹ cōfē foris. Et vtrūqz cap. debet dici ad pūmas vās r laudes r terriaz ac etiā ad scōas vās. Et similiter de bet dici cap. vni⁹ r plurimorum martyriū r cōfessorū ac virginū. **R**e ad oīa festa apofolorū in priis vespis. **R**e. Vos estis lux hui⁹ mundi. **V**. Et ego dispono. **H**ymnus.

**T**erra gaudiis. apofolorū glo ria. sacra canūt sollēnia. **C**os se cū iusti iudices. r vera mundi lu mina. vōtis pcamur cordiū. audi te preces supplicū. **Q**ui celū ver bo clauditis. serasqz ei⁹ soluitis. nos a peccatis omib⁹. soluite ius su qm̄s. **Q**uorū pcepto subditur. salus r lāguor oīm. sanate egros mouib⁹. nos reddētes virtutibus. **I**t cuz iudex aduenerit. cristus i sine seculi. nos sempiternis gau diis gloriā. **V**. Annūtiauerūt opera. **S**. Et facta ei⁹: **A**d magnifi. añ. **D**um steteritis ante reges et p̄sides nolite cogitare qualiter respōdeatis dabitur enim vobis in illa hora quid loquamini.

**G**raudi nos dñs salutaris dñs. **A**nosfer r apofolorū tuorum nos tuere p̄sidiis: quoz vōnasti fideles eē doctrinis. **P**. **A**lic vero orationes dicēde i nataliis apo stolorū iueniētur sup̄ascrip̄te in festiuitatib⁹ cuiuslibet apoforum. **I**nuitatorū. **G**audete et exultate. **S**. **Q**uia nōia vestra scripta sunt in celis. **P**er octauas **I**nuitato. **R**egē apo stolorū dñm. **S**. **D**enite adoremus. **E**t dicitur i octauis apoforū. **H**ymn⁹

**E**terna crissi munera. aposto rolorū gloria. laudes canentes debitas. letis canamus mentib⁹. **E**cclēsiarū principes. belli triū phales duces. celestis aule mis tes. r vera mūdū lumina. **O**uota sanctorū fides. inuicta spes credē tiuz. p̄fecta crissi charitas. mundi triūphat p̄cipē. **I**n his paterna glia. i his volūtas spirit⁹. exultat i his fili⁹. celum repletur gaudiis. **T**e nūc redēptor qm̄s. vt ipozuz consortio. iūgas p̄cātes seruulos. in sempiterna secula amē. **I**n. i. nocturno añ. **I**n oēm terrā exiuit so nus eorū et in fines orbis terre verba eorū. **S**. **E**li enat. **A**. **C**lamauerāt iusti et dñs exaudiuit eos. **S**. **B**e nedicā. **A**. **C**onstituas eos p̄cipes super oēm terrā memora erāt nomē tui dñe. **S**. **E**ruclauit. **V**. **I**n oēs ter.

**D**e amici **S**ermo. **L**. i. mei estis. **D** quāta ē mi sericordia cōditoris no stri. **S**erui digni non su mus: r amici vocamur. **Q**uāta est dignitas hominū eē amicos dei. **S**ed audistis gloriā dignitatis:

rr

### Incipitur san

cto: atqz per totius anni circuitū se cundū cōfuetudinē cōpōste llane ecclē. **S**ermo r p̄mō aliter in festiuitate scī **N**ich. **A**ñ. **G**ōt. ad vesp̄as sup̄ vās. **A**. **D** p̄ oīa r sal q̄i ferit. **L**. **E** xaminā i vno p̄ gno sa merita scī nicholai amicitis **D**e cetero ad ei⁹ **M**ultū vniē tū p̄s̄ relasur. **G**audete r exultate festiuitates sancti nicho lai recollēte. **S**. **Q**uia.

**A**nge lī qua nicholai: **S**culus p̄conū: vt nos **P** sum⁹ adonay: rex r sa cior omnib⁹: ad saluē p̄sentatū faciat per filiū. **I**um p̄dēret ad māmillas matris ab stantia: quarta semel bibit illas acy sequēs feria: ne p̄ lactis pu er fūllas: dīsoluit ieiunia. **S**ub **l**imes⁹ ad honorē nicholai p̄cāte his p̄cāteis tū rōt: cūctis plūie p̄p̄s: vō vō partē vel maiorē ha beat in sc̄is: ruro vato violari: vrgines prohibuit: far in fame vas in mari: seruet r distribuit: qui tunc bēt naufragari opē nau tas p̄cibuit. **C**onstituer a defun ctus: fūrtū qui cōmiserat: r iude⁹ baptizatur: auriqz recuperat ba ptizatus r cūctis ad fidē pro p̄rat. **N**icholai sacerdotū: ho nor vritus glia: plebē oēm dēruy totū m̄tes man⁹ labia ad reddē dū vco vōtū: tua inuēt grā. **S**na

r honor vco: vōs quo altissimo vna pri filioqz inclito paracletico cūctis r p̄s̄ p̄ eterna sc̄la amē **A**men et oīs. **D**e pastor: cetero dēmens r bo ne custos: qui vōz deuoti gregis p̄ces atqz dēre: voce lapia de ce lo p̄s̄teli sc̄lissimo dignū ep̄am ni cholai ostēditū tū famulū.

**O**ms qui beati nicholai cōf meris decorati mirachi: r due q̄s vōctis meritis r p̄cib⁹ a ge demē tūc dñs liberemur. **P**er **A**d cōpleto añ. **A**micus vci ps **L**ū m̄carē. **A**d nūc dimittis an **D** p̄ oīa. **M**ōtādū est q̄ in oī bus p̄cib⁹ tā sc̄litis q̄ simelicz bus vbi non assignatur añ p̄o p̄ie ad cōpleto. vltima añ laur dū erit ad cōpletoñ. r penultiz ma ad. **N**ūc dimittis. **A**d m̄ary ti. **I**nuitat. **A**donem. **R**egē sc̄lorū **I**n quo vuit nicholai gemma sacerdotū **T**errie estem⁹. **H** r

**M**ulter aula ecclē: lectus nūc **O**ī machina: vōz refert solis orbis: nicholai solūta. **N**ē va gans infantie: decorant miris: cer: vōz virtutū primordia: ster ornis crepūdia. **C**arta r sc̄ra feria: semel fugēbat vbera: iam in etate tenera: virtutū sūti feno ra. **C**ūctis nūba fert oleū: matris oliue nesciū: q̄b natur a nō prom lit: marm: succūdo edidit. **N**icholai pontifex: pius nec tardus opifex cūctis qui corde credulo:

Breuiarium Bracharense (Braga, João Gherlinc, 1494).

Breuiarium Compostellanum (Lisboa, Nicolau de Saxonia, 1497).

rias do *Breuiarium Compostellanum* (1497), impresso em Lisboa por Nicolau de Saxónia, é idêntica à do livro litúrgico de Braga; mas o texto difere principalmente nas rubricas dos officios, já que, sendo diferente o calendário da diocese compostelana, é aí que se encontram as notas características e originais do seu rito.

O plano editorial concertado por D. Jorge da Costa para a sua arquidiocese prosseguiu em 1496, com a edição (hoje desaparecida) de um *Manuale Sacramentorum*, impresso por Gherlinc em Monterrey, depois de este impressor alemão ter saído de Braga. Tratava-se de um ritual, livro que continha as normas e orações para a administração dos sacramentos, a assistência religiosa aos enfermos e os officios de defuntos. Na versão de 1496, ao que parece, este ritual incluía também o «ordo missae», o que terá levado alguns bibliógrafos a tomá-lo por um missal, como observa Mons. Ferreira (14).

Finalmente, ainda no século xv, Nicolau de Saxónia imprime em Lisboa o *Missale Bracharense* (1498), incorporação num único volume de vários livros dispersos que o tempo foi aproximando entre si, de acordo com a ordem da missa (o *sacramentário*, o *epistolário*, o *evangeliário* e o *gradual*). Os ritos da missa bracarense — muitos dos quais nascidos da luta contra as heresias de Prisciliano, na segunda metade do século iv — continham numerosos traços de individualidade; era o que ocorria, por exemplo, com as fórmulas sobre a Trindade, a encarnação de Cristo, o matrimónio e a procriação, a influência dos anjos e do demónio na vida humana, o sufrágio das almas ou a própria alimentação diária dos fiéis. Atrás das peculiaridades do rito estava a condenação inexorável das heresias priscilianistas e — sublinha A. Luís Vaz — a permanência das «verdades religiosas tradicionalmente defendidas na arquidiocese como essenciais à Fé Cristã» (15).

O rito romano (também chamado «carolíngio» ou «galo-romano») tinha igualmente as suas fórmulas próprias, surgidas do combate contra as heresias de Ário, nos princípios do século iv. Mas, enquanto Braga defendia dogmaticamente a existência humanal de Cristo, o rito galo-romano dava ênfase especial à identidade de Jesus Cristo com Deus. Daqui provinha uma enorme diversidade de costumes, que tornava a missa romana muito diferente da bracarense. Por

---

(14) Idem, *ibidem*, pp. 280-281.

(15) A. LUÍS VAZ, *O rito bracarense*, Braga, 2 v., 1970-1972; v. 2, p. 37.

essa razão, compreende-se que fossem impressos em Portugal, nos primórdios da actividade tipográfica, dois missais distintos: um para as dioceses que seguiam o rito romano, como era o caso de Lisboa, e outro para a área submetida à influência do rito bracarense. Em Lisboa, desde 1496 que Valentim Fernandes imprimira um *Votiuale Missarum*, segundo o rito e costumes da Cúria Romana.

#### ASTRONOMIA

A edição do *Almanach Perpetuum* (1496) é o resultado de uma longa experiência do seu autor, o judeu Abraão Zacuto, nos domínios da cultura astrológica e astronómica. Originário de Salamanca, onde terá nascido à volta de 1450, Zacuto chegou a Portugal em 1492, na leva dos Judeus que então foram expulsos de Espanha; médico e matemático, desempenhou as funções de «astrónomo do Rei», junto de D. João II e D. Manuel, mas abandonou Portugal após o decreto manuelino de expulsão dos Judeus (Dezembro de 1496), instalando-se em Cartago e, a seguir (cerca de 1505), na Turquia e na Síria; morreu em Damasco, depois de 1522. Baseado no testemunho de autores directamente influenciados pela obra de Zacuto (como Augustinus Riccius, Pedro Ciruelo e Pedro Nunes) e na evocação laudatória que, em 1561, dele fez o cronista Gaspar Correia nas *Lendas da Índia*, Joaquim Bensaúde pôde escrever que «Abraham Zacuto était de son temps le plus illustre représentant de l'astronomie juive de la Péninsule et de la Provence», acrescentando: «Son expérience, son renom et son oeuvre astronomique ont fait de lui l'autorité suprême que l'on consulte sur la science nautique en formation» (16).

A opinião de Bensaúde, ao privilegiar o papel de Zacuto em Portugal, obedecia a um escopo preciso: tratava-se de desfazer a chamada «lenda alemã», tecida a partir dos trabalhos de Humboldt, que atribuía aos seus compatriotas Regiomontanus e Behaim — o primeiro com as tábuas náuticas das *Efemérides* e o segundo com instrumentos de observação do tipo da balestilha e do astrolábio — a glória de terem dado suporte científico aos Descobrimentos portugueses. Hoje, graças ao esforço pioneiro de Bensaúde e aos trabalhos de outros investigadores — como Luciano Pereira da Silva, Gago Coutinho,

---

(16) JOAQUIM BENSAÚDE, *ob. cit.*, p. 78.

Duarte Leite, Jaime Cortesão, Fontoura da Costa, Armando Cortesão, Vitorino Magalhães Godinho, Teixeira da Mota, Luís de Albuquerque ou Guy Beaujouan —, a «lenda alemã» perdeu toda a credibilidade histórica, em favor dos argumentos que certificam a origem peninsular dos conhecimentos científicos da época dos Descobrimentos. Mas a acumulação de provas documentais, sem minorar a importância de Zacuto no estabelecimento das bases de uma ciência náutica peninsular, veio, por outro lado, chamar a atenção para as raízes, antigas e profundas, da cultura astronómica portuguesa.

Segundo Armando Cortesão, já no século XI se patenteia, em Coimbra, o interesse pela astronomia, provavelmente através da medicina e da astrologia, matérias cujo ensino andava então misturado: em 1090, o bispo D. Paterno legava à escola da catedral de Coimbra alguns livros científicos e dois astrolábios (17). E se esta informação vale sobretudo como traço de uma cultura astronómica rudimentar, as referências a Afonso Dinis, médico e astrólogo da Corte na primeira metade do século XIV, são claras e frequentes, sublinhando um interesse pela astronomia que, na falta dos manuscritos desse autor (actualmente perdidos), pode ser documentado pelos chamados *Almanques Portugueses de Madrid*, três obras da mesma época (18). Tal actividade, manifestamente subsidiária de influências árabes e judaicas, prosseguirá no século XV, como o provam vários manuscritos de origem portuguesa ainda hoje conservados: uma tradução hebraica do *Livro Comprido* de Ali aben Ragel (Bodleiana, Oxford), os fragmentos alcobacenses de uma versão latina do *Tratado da Esfera* de Sacrobosco (Biblioteca Nacional de Lisboa) e a versão hebraica do *Livro de Mágica* de Juan Gil (Bodleiana) (19). Convém notar que todos estes documentos, elaborados fora do âmbito universitário, se destinavam a um círculo restrito de eruditos, pelo que, em rigor, a náutica dos Descobri-

---

(17) Cf. GUY BEAUJOUAN, *L'Astronomie dans la Péninsule Ibérique à la fin du Moyen Âge*, Coimbra, 1969 (sep. da *Revista da Universidade de Coimbra*, v. 24), pp. 20-21.

(18) Publicados por LUÍS MENDONÇA DE ALBUQUERQUE (Coimbra, 1961, sep. da *Revista da Universidade de Coimbra*, v. 21).

(19) Cf. LUÍS DE ALBUQUERQUE, *Introdução à História dos Descobrimentos*, Coimbra, Atlântida, 1962, pp. 278-280; Guy Beaujouan, *ob. cit.*, pp. 10-11; A. MOREIRA DE SÁ, «A próxima edição de três traduções portuguesas inéditas do século XV», in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, Lisboa, v. 1 (1960), pp. 563-585.

mentos, mais fundada na experiência pessoal do que no saber livresco, pouco lhes terá ficado a dever; mas contribuíram certamente para a autonomização progressiva da cultura astronómica, a qual, embora ligada à astrologia, assim se ia destacando da medicina e das práticas de adivinhação.

A adaptação dos instrumentos de observação dos astrólogos e das suas tábuas ou «almanaques perduráveis» aos fins da navegação estava em marcha na segunda metade do século xv: José Vizinho e mestre Rodrigo, ambos judeus e físicos de D. João II, são os principais responsáveis por esse avanço; mas a sua actividade tem de articular-se, necessariamente, com outros testemunhos do progresso astronómico, tanto no seio das comunidades hebraicas (caso da presença em Lisboa de Judah ibn Verga, cuja obra foi consultada por Zacuto) como nos meios palacianos da sociedade cristã. Aqui, a receptividade à astrologia judaica poderá aferir-se, mais tarde, pela consideração que, segundo os cronistas do século xvi, os soberanos portugueses votavam aos «estrolicos» hebraicos. «El Rey — escrevia Gaspar Correia a propósito de D. Manuel — era muyto inclinado à Estrolomia, pelo que muytas vezes praticaua com o iudeo Çacuto, porque em todo achaua muy certo...» (20). Damião de Góis, por seu turno, dá conta do valor que D. Manuel atribuía às previsões dos astrólogos Diogo Mendes Vizinho e Tomás de Torres (21).

Ora, para este movimento geral de curiosidade pré-científica muito contribuíra a influência em Portugal dos mestres de Salamanca, no último quartel do século xv. Um deles, D. Diogo Ortiz, o futuro cosmógrafo de D. João II, chegara a Portugal em 1475, data em que Abraão Zacuto, outra figura prestigiosa dos estudos salmantinos, se ocupava a redigir o livro que viria a ser impresso em Portugal. Iniciada em 1473, a versão hebraica do *Almanach Perpetuum* ficou concluída em 1478, e o próprio Zacuto supervisou, em 1481 ou 1482, uma primeira tradução castelhana dos cânones, feita por Juan de Salaya, que fora titular da cadeira de Astrologia no claustro universitário de Salamanca. Por esta época, a cidade tornara-se um impor-

---

(20) GASPARE CORREIA, *Lendas da Índia*, Lisboa, Academia das Ciências, 4 t. (8 v.), 1858-1866; t. 1, parte 1.<sup>a</sup> (1858), p. 261.

(21) Cf. DAMIÃO DE GÓIS, *Crónica do felicíssimo Rei D. Manuel*, reprod. diplom. da ed. de 1566, Coimbra, Acta Vniuersitatis Conimbrigensis, 4 v., 1949-1955; v. 4, pp. 228-229.

64		Tabularne is												62										
dies mensium		marsi		aprilis		mai		iunius		iulius		august												
di beb		di beb		di beb		di beb		di beb		di beb		di beb												
2 6 3 6		5 0 28 42		6 7 22 45		8 0 41 46		9 8 51 44		10 28 51 39														
1	3	12	44	37	5	0	28	42	6	7	22	45	8	0	41	46	9	8	51	44	10	28	51	39
2	3	25	33	38	5	14	33	43	6	22	8	45	8	15	20	45	9	22	53	42	11	11	51	38
3	4	8	41	40	5	28	52	44	7	6	55	46	8	29	49	44	10	6	42	41	11	24	40	37
4	4	22	14	41	6	13	21	45	7	21	40	46	9	14	5	42	10	20	17	39	0	7	10	35
5	5	6	1	43	6	27	57	46	8	6	23	45	9	28	12	41	11	3	32	38	0	19	23	34
6	5	20	4	44	7	12	43	46	8	21	6	44	10	12	3	39	11	16	27	36	1	1	28	33
7	6	4	19	45	7	27	37	46	9	5	40	43	10	25	26	37	11	29	5	35	1	13	46	33
8	6	18	52	46	8	12	33	45	9	20	2	41	11	8	32	36	0	11	38	34	1	26	21	33
9	7	3	45	47	8	27	19	43	10	3	59	40	11	21	28	35	0	24	15	34	2	8	53	33
10	7	18	48	47	9	11	41	42	10	17	30	38	0	4	23	35	1	6	56	33	2	21	10	34
11	8	3	46	46	9	25	30	41	11	0	40	38	0	17	0	34	1	19	15	33	3	3	12	35
12	8	18	18	45	10	8	54	41	11	13	37	37	0	29	8	34	2	1	10	34	3	15	22	36
13	9	2	10	44	10	21	55	40	11	26	14	37	1	10	52	34	2	12	54	34	3	27	48	38
14	9	15	39	44	11	4	37	38	0	8	21	36	1	22	28	35	2	24	47	36	4	10	31	39
15	9	29	0	43	11	16	53	38	0	20	9	35	2	4	12	35	3	6	53	36	4	23	30	40
16	10	12	10	41	11	28	57	36	1	1	48	35	2	16	4	36	3	19	12	38	5	6	42	42
17	10	24	50	49	0	10	49	36	1	13	31	35	2	28	8	36	4	1	45	39	5	20	12	43
18	11	7	18	38	0	22	41	36	1	25	21	35	3	10	19	37	4	14	26	40	6	3	57	45
19	11	19	32	37	1	4	34	35	2	7	13	36	3	22	35	39	4	27	21	42	6	18	13	47
20	0	1	40	36	1	16	25	35	2	10	10	36	4	4	59	40	5	10	34	44	7	3	48	48
21	0	13	43	35	1	28	14	36	3	1	6	37	4	17	40	42	5	24	13	45	7	17	29	49
22	0	25	40	35	2	9	58	36	3	13	7	38	5	0	39	44	6	8	16	47	8	1	51	49
23	1	7	29	35	2	21	43	36	3	25	19	40	5	14	4	45	6	22	21	48	8	15	43	49
24	1	19	9	35	3	3	37	37	4	7	49	41	5	27	33	46	7	6	14	49	8	20	30	48
25	2	0	46	35	3	15	51	38	4	20	39	42	6	11	10	47	7	20	6	49	9	13	47	46
26	2	12	33	35	3	28	31	39	5	3	49	43	6	25	9	48	8	4	28	49	9	27	55	44
27	2	24	46	36	4	11	31	40	5	17	18	44	7	9	45	47	8	19	14	47	10	11	38	42
28	3	7	27	37	4	24	53	41	6	1	21	44	7	24	45	47	9	3	52	46	10	24	55	40
29	3	20	24	37	5	8	33	42	6	15	50	45	8	9	47	46	9	18	12	44	11	7	56	39
30	4	3	31	38	5	22	47	43	7	0	47	46	8	24	29	45	10	2	3	42	11	20	40	38
31	4	16	47	40	0	0	0	0	7	15	47	46	0	0	0	0	10	15	37	41	0	3	16	37

257  
123  
247

Residuum table festoz mobiliz												
Aureus numerus	litera dominica	Interuallu	Concurrente	februu septuage	martii qdragesi	aplis pascha	mail rogationes	Junii pentecostie	Junii corpus xpi	beb appt ad Jo	dies superflui	beb ap aduent
3	e	8	4	9	2	13	18	1	12	3	2	26
	f	8	5	10	3	14	19	2	13	3	1	26
11	g	8	6	11	4	15	20	3	14	3	0	26
	A	9	0	12	5	16	21	4	15	2	6	26
19	b	9	1	13	6	17	22	5	16	2	5	25
	c	9	2	14	7	18	23	6	17	2	4	25
8	d	9	3	15	8	19	24	7	18	2	3	25
	e	9	4	16	9	20	25	8	19	2	2	25
	f	9	5	17	10	21	26	9	20	2	1	25
	g	9	6	18	11	22	27	10	21	2	0	25
	A	10	0	19	12	23	28	11	22	1	0	25
	b	10	1	20	13	24	29	12	23	1	5	24
	c	10	2	21	14	25	30	13	24	1	4	24

Explicuit table tablar astronomice Raby abraham zacuti astronomi serenissimi Regis emanuel Rex portugalie et .et cū canonib⁹ traductis alinga ebrayca in latinū p magistrū Joseph vizinū discipalū ei⁹ actoris opera et arte viri solectis magistri ortas coraqz sua no mediocri inpreſione cōp̄te exstūt felicib⁹ astris año ap̄ma rez et bereaz circūitione 1496 sole exstēte in 15 g 53 m 35 s piscinz sub celo leyree

Tabelas e cólofon do *Almanach Perpetuum* de Zacuto (Leiria, Abraão d'Ortas, 1496).



tante centro de estudos astrológicos: embora se ignore a data exacta em que terá sido criada a cadeira de Astrologia na Universidade, o documento de nomeação de Juan de Salaya, em 1464, apresenta-o como sucessor de Nicolas Polono. Não sabemos se este foi o primeiro titular da cátedra, mas não restam dúvidas de que, como observa Guy Beaujouan, «l'étude des influences célestes prit à Salamanque, aux alentours de 1460, une importance qu'elle n'y avait jamais eue auparavant» (22). D. Diogo Ortiz regeu a cadeira depois de 1469, sucedendo-lhe, em 1476, Diogo de Torres; quanto a Abraão Zacuto, é possível que tivesse estado ligado à Universidade como docente livre ou que fosse prelector de uma instituição privada (23).

As traduções latina e castelhana do *Almanach Perpetuum*, que serviram para a edição portuguesa de 1496, foram realizadas por José Vizinho, «discipulus eius actoris». Vizinho estivera na Guiné em 1485, a fazer a determinação das latitudes pela altura do Sol; as tábuas organizadas por Zacuto, permitindo calcular o «lugar do Sol» na eclíptica e a respectiva declinação para qualquer dia, iam, pois, ao encontro das necessidades práticas da marinharia portuguesa. «Podemos (...) afirmar — sublinha Luís de Albuquerque — que a origem das tábuas usadas pelos pilotos portugueses no primeiro século de navegação astronómica foi o *Almanach Perpetuum*» (24). Empreendimento editorial que servia, portanto, os objectivos da expansão marítima, ele não poderia concretizar-se, dada a sua extensão e complexidade técnica, sem o apoio da Casa Real; como dissemos atrás, é pertinente, por isso, a observação de Joaquim Bensaúde, segundo a qual a impressão das tábuas de Zacuto teria sido realizada, se não por iniciativa da Casa Real, ao menos com o seu patrocínio.

---

(22) GUY BEAUJOUAN, *ob. cit.*, p. 13.

(23) Hipótese sugerida por F. CANTERA BURGOS (*El judío salmantino Abraham Zacut*, Madrid, 1931), cit. por A. FONTOURA DA COSTA, *Bibliografia náutica portuguesa até 1700*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1940, p. 140.

(24) LUÍS DE ALBUQUERQUE, *ob. cit.*, p. 383. Do mesmo autor — porventura aquele que, em nossos dias, tem apresentado as contribuições mais relevantes para o conhecimento da obra de Zacuto — *vide* igualmente os seus *Estudos de História*, Coimbra, Acta Vniuersitatis Conimbrigensis, 6 v., 1974-1978; v. 3, pp. 163-204 *et passim*, e v. 5, pp. 51-80. Cf. também Luciano Pereira da Silva, «As tábuas náuticas portuguesas e o *Almanach Perpetuum* de Zacuto», in *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências*, Lisboa, v. 9 (1915), pp. 883-898.

## PEDAGOGIA

Para uso de mestres e alunos das Escolas Gerais de Lisboa editou Valentim Fernandes os três compêndios que formam a *Grãmatica Pastrane* (1497). Aí se incluem uma versão simplificada da arte gramatical de Juan de Pastrana (*Thesaurus Pauperum siue Speculum Puerorum*) feita por Pedro Rombo, e as *Materiae* com que este mesmo prelector e António Martins glosam o manual de Pastrana (agora designado por *Baculum Caecorum*) em duas obras distintas. O *Thesaurus* (44 fls.) não está datado, o livro de Pedro Rombo (16 fls.) concluiu-se em 27 de Maio de 1497 e o de António Martins (30 fls.) em 20 de Junho seguinte.

Por uma carta de Pedro Rombo a Valentim Fernandes, publicada no primeiro dos três opúsculos (25), depreende-se que estes foram impressos pela ordem do alçado dos cadernos no único exemplar conhecido (o da Biblioteca Nacional de Lisboa). Nessa carta, o comentador de Pastrana diz que Fernandes, «com bastante imprudência», o incitara a dar a lume o *Thesaurus*, missão de que se incumbira «muito à pressa e sem estudo»; também a pedido do impressor — a quem chama seu «benemérito» e «homem do máximo engenho e requinte, notável nesta arte da imprensa» —, escrevera («coagido») as palavras de introdução a cada um dos capítulos. Pedro Rombo queixa-se

---

(25) Cf. *Thesaurus Pauperum siue Speculum Puerorum editum a magistro Iohãne de Pastrana*, fl. 1 v.º (com desdobramento de abreviaturas e modernização da ortografia e pontuação): «Petrus Rombus, artium bacchalaris, Valentino Ferdinandi, summo ingenio summaque elegantia uiro et in hoc genere impressionis florido, salutem. Artem nostri compendii merae latinitatis maturaque doctrinae magistram omnibus qui fuerunt (et si dicendum est) futuris praestantiorum, hanc cum cognouissent facundiam tuam plurimi facere, Valentine doctissime, desiderio tuo libenter indulgens, quantum mediocris admodum ingenii mei qualitas capere patiebatur, hoc laboris onus ex tempore aggredi conatus sum. Si enim tempus daretur agendis aliquid (nisi fallor) adinuenire posset mea barbaries quod tibi ipsi, homini praestantissimo et de me benemerito, aliquod spei munus afferret. (...) Spero profecto hoc parum operis praesertim iuuenibus hanc artem legentibus magno usui fore.» Vide António Gomes da Rocha Madahil, *Novos testemunhos da actividade tipográfica de Lisboa no século quinze*, Lisboa, 1955 (sep. da *Revista Municipal*, v. 15, 1954, n.º 63), com reprod. fototípica, leitura diplomática e trad. da carta a pp. 18-19 da sep. e 18-20 da rev.; a versão portuguesa (de que se encarregou Ambrósio de Pina) parece-nos discutível em alguns pontos, pelo que não a seguimos.

Petrus Rombo artium baccalarius Valentino Ferdinandi summo ingenio: summaque elegantia viro et in hoc genere impressionis florido. Salutē.

**A**rtem nostri compendij mere latinitatis matureque doctrine magistrā oibus que fuerūt (et si dicēdū ē) futuris prestantiore hac cū cognouisse: faciendā tuā plurimi facere Valēntine doctissime desiderio tuo libēter indulgēs: quātū mediocris admodū ingenij mei q̄litas capere patiebatur: hoc laboris onus extēpore aggredi conat⁹ sum. Si enī tēpus daretur agēdis aliqd̄ (nisi falox) ad inuenire posset mea barbaries quōd tibi ip̄i hōi p̄stantissimo et de me b̄nmerito aliqd̄ sp̄ei mun⁹ afferret. Irhodopeyus enī vates qui sciētia et suauitate cātus mortales omnes dicitur supasse (cui⁹ citare modulatione nō hoies solū: sed etiaz feras atqz fara mota fuisse ferūt) vxorē cū cōditōe acceptā et adiferos illico retractā vt redderēt: nō potuit supare manes. eiqz in maximis cruciatib⁹ relicto. septē dieb⁹ sine munere cereris cura doloꝝqz animi lachryme alimēta fuere. Tu enī potuisti vt ego homūtio docēdi ludo p̄posit⁹ quē erudiēdis discipulis p̄cipi tāt cure. quo min⁹ quicqz satis comode facere possim vt insufficientiā meā oib⁹ mōstrare. Assunt ergo introductionū eloq̄a que in singulis capitulis tua efflagitatione cōpulsus edidi: in quib⁹ nō meā tantū sed maiorū p̄decessorū patrū explicauī doctrināz. et in eis cōtinuatiōes et diuisiōes et capitulorū in gr̄ie sentētie cū littere d̄claratione cōtinētur quibus ad hui⁹ artis difficultatē aditus facillime parari pōtest. et cū magno studio fruct⁹ afferat scia diuidēdi. Spero profecto hoc parū operis presertim iuuenib⁹ hac artē legentib⁹ magnosui fore: Ferunt etiā Athalanta sustinere celum capite. eiqz fesso sub onere alcidē p̄stare vicē mihi vnde huic prouincie auxiliū peterē circūspiciētī occurrunt mordaces quorū incudi hoc opus deuoueo. Et tu qui illud festinatiōe nimia et sine studio vt omnibus palā est me edere imprudētius hortatus es: forte malleabis cum illis. Vale.

1.ª carta de Pedro Rombo, publicada no *Thesaurus Pauperum* (Lisboa, Valentim Fernandes, c. 1497).

Petrus Rombo grammaticae atque poeticae artis professor dilecto sibi Valentino Ferdinandi librorum impressori. S. P. D.



Et si quod a me tantopere es flagitasti Valentine charissime. gratanti animo obsequi optassem. tot me impediunt cure aliorumque negotia modis varijs astringunt et a dicendi musis que me maxime ab adolescentia delectarunt. ita vehementer distrahunt: ut tanquam Ulixes: neminem meorum nouerim. Cumque in materialium rudimentis ab Antonio martini ex baculo cecorum editis: Sebastianus de huezas magister quondam serenissimi principis Alfonsi quem fata indigne. ut palanta magnam. a medio in adolescentia abstulerunt. Alijque viri huius artis pastrane imitatores doctissimi hucusque versati sunt. Nichilominus ego cui si quod eruditionis doctrine sermotionalisque scientie indies fuit: ab eis hausi. Es flagitatus tamen quorundam precibus. ut ipsarum materialium rudimenta quibus omnes lactati sumus in breuius redigerem. Hoc opusculum Francisco qui iam animam reddidit Johanni etiam de sancta maria. canonicis regularibus in sancto eligio meisque in arte grammatica ea tempestate discipulis aliisque eiusdem ordinis patribus doctissimis libenter obtuli: quod qualecumque sit ferdinande doctissime tu potes coniicere: quod si cui otio vel proteruitate potius (ut ita dixerim) contemptui sit: prefati nostri Antonij materialium editione equo animo legat quam quanto studio atque diligentia a proprio exemplari imprimi curauerim: res ipsa indicat. Cum igitur nulla propterea gloria hoc tantum oneris susceperim quam ut industria mea his qui me ad hoc hortati sunt more gerere te rogo ut ea diligentia hoc opusculum characteribus tue nobilis artis imprimi curaueris: qua a me scriptus est ad laudem dei omnipotentis eiusque immaculate dei genitricis marie. Vale.

da sobrecarga de trabalhos escolares e da falta de tempo livre, mas, consciente da utilidade e boa doutrina do compêndio, «principalmente para os jovens», acede ao convite de Valentim Fernandes. A perspectiva de negócio rendoso para ambos parece explicar a associação entre o mestre universitário e o impressor-editor.

Outra carta de Pedro Rombo, que antecede o texto das suas *Materiae* (26), mostra ter partido também de Valentim Fernandes a iniciativa desta segunda publicação: «O que com tanto interesse me pediste, caríssimo Valentim, desejaria cumpri-lo de boa vontade...» Uma vez mais, Rombo lamenta que outros cuidados o oprimam, presta homenagem a «imitadores doutíssimos» da arte de Pastrana, que o precederam (como António Martins, Sebastião de Oeiras, «antigo mestre do príncipe D. Afonso»), e os Cónegos Regrantes de

---

(26) Cf. *Materiarum editio a Petro Rombo ex Baculo Cecorum*, fl. 1 v.º (com o mesmo critério de transcrição usado na nota precedente): «*Petrus Rombus, grammaticae atque poeticae artis professor, dilecto sibi Valentino Ferdinandi, librorum impressori, salutem plurimam dicit. Etsi quod a me tantopere efflagitasti, Valentine carissime, gratanti animo obsequi optassem, tot me impediunt curae aliorumque negotia modis uariis astringunt, et a dicendi Musis quae me maxime ab adolescentia delectarunt ita uehementer distrahunt, ut, tanquam Vlixes, neminem meorum nouerim. Cumque in Materiarum rudimentis ab Antonio Martini, ex Baculo Caecorum editis, Sebastianus de Hueyras, magister quondam serenissimi principis Alfonsi quem fata indigne, ut Palanta magnum, a medio in adolescentia abstulerunt, aliique uiri huius artis Pastranae imitatores doctissimi hucusque uersati sunt, nihilominus ego, cui si quid eruditionis doctrinae sermocionalisque scientiae in dies fuit, ab eis hausi, efflagitatus tamen quorundam precibus ut ipsarum Materiarum rudimenta, quibus omnes lactati sumus, in breuis redigerem, hoc opusculum Francisco, qui iam animam reddidit, Iohanni etiam de Sancta Maria, canonicis regularibus in Sancto Eligio, meisque in arte grammatica ea tempestate discipulis, aliisque eiusdem Ordinis patribus doctissimis libenter obtuli. Quod qualecumque sit, Ferdinande doctissime, tu potes conicere. Quod si cui otio uel proteruitate potius (ut ita dixerim) comptentui sit, praefati nostri Antonii Materiarum editionem aequo animo legat, quam quanto studio atque diligentia a proprio exemplari imprimi curauerim res ipsa indicat.*» Vide António Gomes da Rocha Madahil, *ob. cit.*, pp. 28-29 (pp. 52-55 da rev.), com reprod. fotográfica, leitura diplomática e trad. da segunda carta de Pedro Rombo a Valentim Fernandes. Vem a propósito referir que o impressor João Pedro Buonhomini de Cremona se apropriou do texto desta carta, reproduzindo-o, em 1513, numa outra edição das *Materiae* de Pedro Rombo, da qual se conhece apenas o exemplar da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (encadernado juntamente com a edição de 1512 da *Grãmatica Pastrane*); está publicado no fol. 1 r.º e apresenta uma única diferença em relação ao texto da carta impressa em 1497: o vocativo «Valentim» aparece substituído por «João Pedro».

Santo Elói), e envia ao impressor dois originais: as suas *Materiae* e as que António Martins escrevera, estas copiadas de um manuscrito autógrafa do mestre, seu antecessor na Universidade. Fica provado, assim, que Pedro Rombo forneceu a Valentim Fernandes todos os textos inseridos na *Grāmatica Pastrane* e que a entrega do original se fez em duas partes: primeiro, o *Thesaurus*; noutra ocasião posterior, os dois opúsculos de *Materiae*.

Expressões como *Thesaurus Pauperum*, ou *Speculum Puerorum*, ou *Baculum Caecorum*, utilizadas no incunábulo de 1497 a denominar a gramática de Pastrana, eram frequentes na Idade Média para caracterizar obras de consulta frequente ou de cunho didáctico, quer se tratasse de cimélios da cultura religiosa, quer de enciclopédias, manuais de vulgarização e simples resumos. Com esses títulos sugestivos, repetidos em livros dos mais diversos domínios, pretendia-se atingir um público vasto, sensibilizando-o para a aquisição de instrumentos essenciais da sua formação: os pobres também podiam ter o seu «tesouro», os meninos o seu «espelho» miniatural e os cegos (em sentido figurado) o seu «bordão». Este traço popular dos títulos de vulgarização está presente já nas experiências de obras xilográficas, anteriores à imprensa de caracteres móveis, nas quais avultam dois exemplos famosos: o *Speculum Humanae Salvationis* e a chamada *Biblia Pauperum* (27). Mas pode dizer-se que a sua origem remonta à Antiguidade Clássica, sobretudo aos Gregos, como informa Plínio no prólogo da *Historia Naturalis* (28). O apelo à curiosidade do leitor (ou a «mensagem publicitária», diríamos hoje) é por demais evidente na escolha dessas inscrições titulares.

Juan de Pastrana nasceu nas Baleares e viveu na primeira metade do século xv. A sua arte gramatical gozou de grande popularidade

(27) Cf. LUCIEN FEBVRE e HENRI-JEAN MARTIN, *ob. cit.*, pp. 140-142.

(28) Vide a carta de Plínio a Vespasiano, na introdução da *Historia Naturalis* (ed. Les Belles Lettres, v. 1, pp. 47-57). «Inscriptionis apud Graecos mira felicitas» — diz Plínio, ironizando com títulos do tipo *Favo de Mel* ou *Cornucópia* (pp. 53-54). Este passo é analisado por Martinho de Figueiredo na fl. xxxij do seu *Commentum in Plinii Naturalis Historiae prologum* (Lisboa, Germão Galharde, 1529). Cf. também *L'esprit des journalistes de Trévoux* (Paris, De Hansy, 4 v., 1771; v. 2, pp. 500-504, cap. «Sur les titres des livres»), onde, a propósito da actualidade da opinião de Plínio, se comenta: «La seule comparaison des titres simples, qui sont en petit nombre, avec les titres figurés, qui sont infinis (...), prouverait assez l'empire de la mode sur les plus grands hommes.»

em Portugal: impressa em 1497, republicar-se-ia em 1501, com revisão de João Vaz (29), e em 1512, associada às *Materiae* de António Martins, «primus quondam huius Artis Pastranae in alma Vniuersitate Vlixbonensi praeceptor», como é designado logo na primeira edição (30). Manual básico para aprendizagem do latim, os seus ensinamentos foram seguidos, sob a forma de «livro único» e apesar de algumas resistências, por várias gerações de mestres e alunos, mesmo depois do aparecimento da arte de Nebrija (Salamanca, 1481). Ainda em 1525, quando a crítica aos métodos de Pastrana granjeara já adeptos fervorosos, os prelectores da cadeira de Gramática continuam a usar o velho compêndio em paralelo com o de Nebrija; isso acarreta «grande prejuízo aos escolares da dita arte, per as desvayradas opiniões que os dictos mestres tinham», a tal ponto que o Conselho da Universidade de Lisboa ordena aos lentes que «nom misturem hũa arte com outra» (31).

---

(29) A ed. de 1501, impressa por João Pedro Buonhomini de Cremona e referida por Leitão Ferreira nas *Notícias cronológicas da Universidade de Coimbra* (2.<sup>a</sup> ed., 1.<sup>a</sup> parte, Coimbra, 1937, pp. 484-486, n.º 1176), é dada hoje como desaparecida; o último exemplar — o mesmo que viu Leitão Ferreira — teria sido o da livraria de Inácio de Carvalho e Sousa, descrito por António Ribeiro dos Santos (*Memórias de Literatura Portuguesa*, t. 8, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1856, p. 97). João Vaz, o revisor do texto dessa edição, é autor de um compêndio gramatical impresso por Hermão de Campos nos primeiros anos do século XVI. Cf. AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Um capítulo da história do Humanismo em Portugal: o «Prologus» de Estêvão Cavaleiro*, Coimbra, 1972-1978 (sep. de *Humanitas*, v. 29-30, cuja numeração retoma), reimpresso em *Estudos sobre o Século XVI*, Paris, Fundação Gulbenkian, 1980, pp. 125-151.

(30) Da edição de 1512, impressa, como a de 1501, por João Pedro Buonhomini de Cremona, existe um exemplar na livraria do Paço Ducal de Vila Viçosa e outro (incompleto) na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Cf. D. Manuel II, *Livros antigos portugueses...*, ed. cit., v. 1, pp. 220-237; *Catálogo da Exposição permanente dos Cimélios...*, Rio de Janeiro, 1885, p. 288, n.º 112. Como referimos na nota 26, o exemplar do Rio está encadernado com uma edição das *Materiae* de Pedro Rombo, de 1513. Cf. F. J. NORTON, *A descriptive catalogue of printing in Spain and Portugal (1501-1520)*, Cambridge, University Press, 1978, pp. 511-513.

(31) Cit. por M. GONÇALVES CEREJEIRA, *O Renascimento em Portugal; II — Clenardo, o Humanismo, a Reforma*, Coimbra, Coimbra Editora, nova ed., 1975, p. 102; Américo da Costa Ramalho, *Um capítulo da história do Humanismo...*, ed. cit., p. 72.

A introdução do Humanismo em Portugal viera renovar a didáctica do latim. Pastrana sofreu então os ataques de quantos contrapunham a leitura dos autores clássicos às mnemónicas engenhosas da gramática tradicional. O mais aguerrido nesta cruzada demolidora foi o gramático Estêvão Cavaleiro: tendo começado por navegar nas águas de Pastrana, de cuja obra teria mesmo publicado um resumo, dá à estampa em Salamanca, no ano de 1493, uns *Artis grammaticae praecepta*, onde lança o primeiro anátema sobre a «barbárie lusitana» dos seguidores de Pastrana, e, em 1503, faz imprimir em Sevilha uns *Prosodiae artis grammaticae speciei praecepta*, com análises textuais de poetas latinos. Preterido durante anos na Universidade de Lisboa pelos adeptos do manual vigente, acaba por obter, à volta de 1514, um lugar de professor de Lógica na mesma escola, mas parece ter abandonado o ensino em 1518. Antes, porém, publica a *Noua grammatices Mariae Matris Dei Virginis ars* (1516), cujo prólogo é um ajuste de contas com os seus opositores, à cabeça dos quais estava Pedro Rombo, que até 1533 (data da sua morte) se manteria na Universidade.

Documento fulcral da história do Humanismo em Portugal, o «Prologus» da *Noua grammatices ars* mereceu a Américo da Costa Ramalho um estudo desenvolvido e exemplar (32), que nos elucida sobre os meandros da polémica e as dissensões de Cavaleiro com António Martins e Pedro Rombo. Aí, depois de referir as «discórdias implacáveis» que o opunham aos próceres de Pastrana, o gramático humanista acusa-os de basearem a defesa do patrono em «frívolas subtilezas» e desprezarem os «muitos e bons autores latinos». Tais homens — continua — «são parecidos com as aves que gostam das trevas e ficam cegas com a luz». A seguir, ataca veladamente Pedro Rombo, autoproclama-se pioneiro do esforço de renovação metodológica do ensino da gramática latina e, naturalmente, faz o requisitório do mestre das Baleares. As suas palavras, que Costa

---

(32) Trata-se do trabalho cit. anteriormente nas notas 29 e 31. Cf. também, do mesmo autor, *A introdução do Humanismo em Portugal*, Coimbra, 1972 (sep. de *Humanitas*, v. 23-24), sobretudo pp. 12-14 (444-446 da numeração da rev.), trabalho reimpresso em *Estudos sobre o Século XVI*, já citados. Na versão portuguesa do texto de Estêvão Cavaleiro, seguimos a tradução de Américo da Costa Ramalho.



Ramalho soube verter para português com admirável fidelidade, são flechas certeiras:

Pastrana, corruptor da linguagem latina, semeou o cereal sarnento e foi-se; os seus partidários semearam por cima uma grande quantidade de triste joio e continuam a semear corruptelas gramaticais em abundância, que vendem por todo Portugal, a elevado preço e sem vergonha, em vez do trigo, aos pobres alunos. Que mais direi? Só uma coisa mais ousarei afirmar: os que louvam a *Arte de Pastrana* e afirmam que todos os escritos que deixou estão certos e correspondem à verdade, esses tais, sem dúvida alguma, não são latinos nem jamais leram livros latinos (33).

Há aqui uma confissão importante: a de que as «corruptelas gramaticais» de Pastrana estavam espalhadas por toda a parte e se vendiam a bom preço. Mas importa sublinhar que Valentim Fernandes levava a cabo o seu trabalho de editor sem olhar a compadrios: na verdade, tendo sido ele o impressor da *Grāmatica Pastrane* em 1497, viria a publicar em 1516 o livro de um inimigo declarado de Pedro Rombo, cujas relações com o impressor tinham sido das mais cordiais. Estava quebrada essa cordialidade cerca de vinte anos depois? Não cremos que isso tenha interesse para o caso. Na atitude de Valentim Fernandes vemos apenas o seu dedo comercial, isto é, a sua capacidade de adaptação aos novos tempos. Assim, pouco importava ao editor que Estêvão Cavaleiro considerasse «ineptas, bárbaras, obscuras e contraditórias» as *Materiae* de Pedro Rombo e Martins; em contrapartida, convinha-lhe que o novo manual fosse polémico e inovador, que se abonasse nos autores latinos, que, enfim, estivesse de acordo com o novo ambiente cultural. Nesse ponto, sim, alguma coisa mudara — e muito.

Os manuais de 1497 eram meras explanações de teoria gramatical, sem pretensões de erudição ou originalidade. Sinopse da arte de Pastrana, com comentários marginais de Pedro Rombo, o *Thesaurus Pauperum* começa com a definição das partes da oração, seguindo-se

---

(33) AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Um capítulo da história do Humanismo...*, ed. cit., p. 58; Idem. *A introdução do Humanismo...*, ed. cit., p. 13.

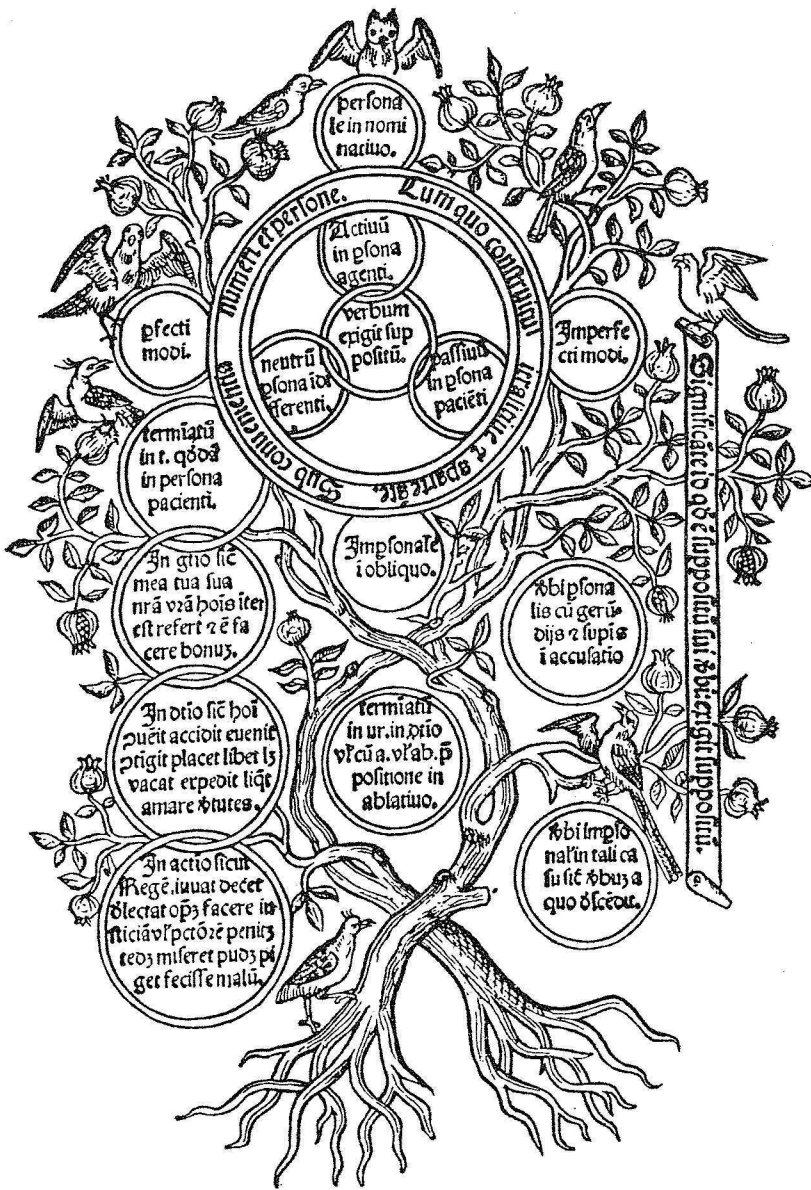
as regras da declinação por casos e da conjugação e construção verbal, tudo ilustrado com árvores gramaticais e esquemas; depois, apontam-se em pormenor as regras da teoria do género e, por fim, os princípios da gramática em sentido amplo; definida como «ars docens congrue loqui, recte scribere, debite partes pronunciare», esta é dividida em quatro partes (ortografia, prosódia, etimologia e sintaxe) e o seu estudo completa-se no conhecimento da declinação e construção dos vocábulos e frases. As *Materiae* de Pedro Rombo, apresentadas como um resumo do *Baculum Caecorum* de Pastrana, caracterizam a gramática como «ars docens cōmune uulgagium» (*sic*) e apontam três requisitos para a formação do bom gramático: conhecimento das palavras, declinação e conjugação-construção. António Martins, o autor das segundas *Materiae*, defende o mesmo tipo de preparação e trata sucessivamente de substantivos e adjectivos, pronomes, vozes da oração, verbos, nomes verbais, graus de adjectivação, figuras de retórica, partículas de relação, interrogações, respostas e construções reflexas.

#### LITERATURA HUMANÍSTICA

Na sua crítica ao manual de Pastrana, referia Estêvão Cavaleiro os nomes de alguns «homens justos, benevolentes e latinos» que, em Portugal, poderiam ensinar gramática sem cair na «barbárie» — como Diogo Pacheco, Luís Teixeira, Francisco Cardoso e Cataldo —, exclamando: «É à opinião destes que eu me associo. Quanto me alegro ao ver no nosso Portugal homens desta espécie! Ah, então sim, agrada-me viver!» (34). Cataldo Sículo, o último da lista de «homens justos» a que se abonava Cavaleiro, era também o mais célebre: nascido na Sicília em 1455, fizera estudos universitários em Pádua, Bolonha e Ferrara; chegara a Portugal em 1485, fora preceptor de D. Jorge (filho bastardo de D. João II), mestre de outras figuras da Corte e secretário latino da Casa Real, beneficiado com uma tença desde 1488, que D. Manuel confirma em 1497. Introdutor do Humanismo em Portugal (35), seria também o primeiro humanista a ver impressas as

(34) Idem, *ibidem*, p. 62 e p. 15.

(35) Idem, *Estudos sobre a época do Renascimento*, Coimbra, Instituto de Alta Cultura, 1969, p. 93. Sobre Cataldo, além dos trabalhos já referidos de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *vide* também, principalmente: SOUSA VITERBO, «A cultura inte-



Árvore gramatical do *Thesaurus Pauperum* (Lisboa, Valentim Fernandes c. 1497).

paulū: ⁊ tot celibes: qui poetarū fuerūt studiosissimi. Et quicūq; latini elo  
 qui politiā: elegantiaq; fuerit aspernatus: licet in ceteris doctissim⁹ sit: non  
 tamē litterat⁹: sed litat⁹ honestissime dicet. Et qđ de latina: idem de greca  
 quoq; facundia sentio. Tandē ne te pluribus demorer amplissime pnceps  
 sine hac facultate nihil boni ad humane vite vsum: ⁊ ad aie salutē habere-  
 mus. nō theologiā: nō leges: nō pōtificiū ius: nō deniq; breuariū ipsū quo  
 quod die dei sacerdotes recitāt Tu itaq; tuos liberos his artib⁹ istitū pau-  
 dētissime facis: qđ vir tricesimū ⁊ sextū attingis annū: ⁊ tātā i aphyca cōfeci  
 stī mauroū stragē: quātā hannibal ipse in europā traiciēs nunq̄ fecit. nec  
 tu regio sanguini: sed soli virtuti cōfidis. Deus tibi fauet: qđ iustus ⁊ pius  
 viuīs: ⁊ in magnū premiū sapientissimā ac modestissimā mariā frerā tibi  
 iunxit vxorem. et qua duos bis: omnes quidē elegantissimos habes filios  
 cōmode: decēterq; paritos. inter mares tres vna residet femella. Et cum  
 semper p fide cesarissime te gesseris: nūc pro latina lingua aliquādo insur-  
 ge: ⁊ latrantes tua sola taciturnitate coge obmutescere. quod si opere pre-  
 stabis deo ⁊ vtriq; hesperie: bonisq; omnibus: eris carissimus. Sin ad-  
 uersus sycophantas animū demittes: aut contempta regla cynicus: aut re-  
 licto parnaso castaliōq; sardanapali siam verus imitator. Vale.

¶ Comes alcorini valentino fernādo morauo. S.

**D**acet mihi ista tua imprimēdi ars supra modū qđ germanitatē  
 quādam sapiat: qđ multo esset elegantior ⁊ melior: si tuis nō tantū  
 cōsideres alūnis. posterī vero nō in illos: s; in te virū peritū omne  
 culpā trāfferēt. Nea qđ petis imprimēda: inculta sunt nimis adhuc ⁊ rudia:  
 nec tāto digna nomie. s; meorū loco pauca qđā mitto. qđ a cataldo pcepto-  
 re nfo supiorib⁹ ānis ipetraui. tuo vtire arbitrio. ego iā sū vsum meo. vale.

Impressum vlyxbone. anno a partu virginis millesimo  
 quingentesimo. mense february. die vicesimo primo.



*Epistolae et Orationes*, de Cataldo Siculo: fim do texto, cólofon e marca do impressor  
 (Lisboa, Valentim Fernandes, 1500).

suas produções: ao findar o século xv, Valentim Fernandes publicava-lhe uma recolha de cartas e orações, de recorte clássico na forma e de feição inovadora tanto nos temas como na problemática.

As *Epistole et Orationes quedam Cataldi Siculi* (1500) contêm diversa correspondência latina para Italianos e Portugueses, uma série de cartas de D. João II e D. Manuel para soberanos e dignitários estrangeiros (igualmente redigidas por Cataldo), bem como quatro orações, uma das quais proferida em Bolonha, antes da ida do autor para Portugal, e outra em Évora, na recepção da princesa Isabel de Castela, noiva do malogrado príncipe-herdeiro D. Afonso, em 1490. O livro foi organizado pelo próprio Cataldo, mas a remessa do original a Valentim Fernandes aparece artificialmente confiada ao 2.º Conde de Alcoutim, D. Pedro de Meneses, aluno predilecto do mestre humanista. Este, por seu turno, assume no caso um papel pretensamente apagado, pois limita-se a enviar ao seu discípulo as obras que, entre muitas dispersas, pôde coligir: «Mitto igitur quae potui ex tot perditis solutae scripta colligere ...» (fl. 2 rº). E é o jovem conde (teria então D. Pedro cerca de 13 anos) que surge a tomar a iniciativa de procurar o impressor, através de uma carta publicada no fim do livro (fl. 56 rº), de que traduzimos o seguinte passo:

As minhas obras, que me pediste para imprimir, ainda estão demasiado toscas e rudes, indignas de tamanha nomeada; mas, em lugar das minhas, envio-te umas poucas que, nos últimos anos, solicitei ao meu preceptor Cataldo. Resolve segundo o teu arbítrio; eu já procedi de acordo com o meu (36).

A precocidade do aluno de Cataldo, como provou exaustivamente Américo da Costa Ramalho (37), não pode pôr-se em dúvida;

---

lectual de D. Afonso V», in *Arquivo Histórico Português*, Lisboa, v. 2 (1904), sobretudo pp. 260-261 e 265-267; M. GONÇALVES CEREJEIRA, *ob. cit.*, pp. 64-73; LUÍS DE MATOS, «Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Parisio Sículo», in *A Cidade de Évora*, v. 11 (1954), pp. 3-13.

(36) Texto original (desdobrando abreviaturas e actualizando a ortografia): «Mea quae petis imprimenda inculta sunt nimis adhuc et rudia, nec tanto digna nomine, sed meorum loco pauca quaedam mitto quae a Cataldo praeceptore nostro superioribus annis impetraui. Tuo utere arbitrio, ego iam sum usus meo.»

(37) Cf. AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, ed. cit., pp. 67-71, 78-82 et passim.

mas o texto da carta — onde também se encontra uma crítica ao «germanismo» dos trabalhos tipográficos de Valentim Fernandes — parece-nos mais um expediente de Cataldo para conseguir a impressão do seu livro do que um documento da lavra do jovem D. Pedro. Se articularmos o conteúdo da primeira carta do livro (dirigida por Cataldo ao seu discípulo) com o da última (endereçada por D. Pedro de Meneses a Valentim Fernandes), poderemos chegar à conclusão de que Cataldo Sículo se serviu do aluno dilecto para simular modéstia, e talvez até para associar a edição a uma das famílias mais ricas e influentes da Corte. Não havia nisto nada de extraordinário: era, nos primórdios da tipografia, processo corrente, que os autores utilizavam para a publicação (e remuneração) dos seus trabalhos (38).

Na correspondência de Cataldo para Italianos há poucas cartas escritas de Portugal; pertencem a esse número escasso as que são dirigidas a Lúcio Marineo Sículo, então em Espanha (dando-lhe conselhos sobre relações com figuras deste país e dizendo que ele, Cataldo, decidira continuar em Portugal), e ao seu primo Francesco Parísio (com revelações acerca da vida na Corte e o ensino de D. Dinis, irmão de D. Jaime, Duque de Bragança, e sobrinho do rei D. Manuel). As restantes, redigidas antes da chegada a Portugal, documentam relações de Cataldo com humanistas da época, como Francesco Filelfo e Giovanni Joviano Pontano (aos quais dirige mensagens meramente protocolares), Baptista Guarino, Bartolomeo Platina (sobre as letras gregas, que Cataldo admira mas cuja língua não dominaria suficientemente), Bartolomeo Philatetes e Antonello Petrucci (em defesa de Lorenzo Valla), o poeta cego Aurelio Brandolini (ajustando contas velhas e beliscando-o com remoques), o jurista Andrea Barbazza (que acusa de não o ter apoiado em Bolonha), Bessarion Malvezzi (de uma poderosa família de Bolonha, a quem pede ajuda) ou Alessandro Gozzadini, também bolonhês e, provavelmente, o protagonista de uma história pouco edificante contada por Cataldo no seu poema *Martinho, verdadeiro Salomão* (39).

Entre os correspondentes portugueses de Cataldo estão os reis D. João II (a quem agradece o convite para se instalar em Portugal

---

(38) Cf. LUCIEN FEBVRE e HENRI-JEAN MARTIN, *ob. cit.*, pp. 234-235.

(39) Cf. CATALDO PARÍSIO SÍCULO, *Martinho, verdadeiro Salomão*, pról., trad. e notas de DULCE DA CRUZ VIEIRA, introd. e rev. de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, Coimbra, Faculdade de Letras (Instituto de Estudos Clássicos), 1974, p. 107.

e dá conta das suas ideias acerca da educação latina de D. Jorge) e D. Manuel (celebrando a expansão marítima dos Portugueses, antes da chegada à Índia); o príncipe D. Afonso, desaparecido tragicamente em 1491 (prodigalizando-lhe conselhos em defesa da cultura mal compensada); os prelados D. Diogo de Sousa, bispo do Porto (ora lamentando-se de dificuldades financeiras e pedindo a intercessão do amigo, ora atacando os que invejam as suas «obras notáveis», justamente apreciadas no estrangeiro, ora enviando-lhe produções, relatando uma caçada e insistindo na penúria que o aflige), e D. Fernando Coutinho, bispo de Lamego e patrocinador da sua ida para Portugal (a quem, por se demorar em Itália, recorda que «Roma é o sepulcro dos homens bons»). Outros destinatários: D. Jorge, o filho de D. João II e D. Ana de Mendonça (objecto dos seus cuidados de preceptor); D. Dinis, sobrinho do rei D. Manuel (a louvar-lhe o talento e a exortá-lo ao trabalho intelectual); D. Fernando de Meneses, Marquês de Vila Real (em defesa das humanidades e dos estudos clássicos, contra os teólogos eclesiásticos); D. Pedro de Meneses, filho do precedente (lamentoso, dizendo que não vive de «ar e vento» e pedindo ao seu futuro aluno o pagamento das aulas que lhe daria); D. Maria Freire, a mãe de D. Pedro (desnecessariamente preocupada porque o filho estudava demais); D. João de Noronha, irmão de D. Fernando de Meneses e prior de Santa Cruz de Coimbra (incitando-o a aperfeiçoar o latim pela correspondência epistolar e queixando-se do silêncio de D. Diogo de Sousa, amigo comum); D. Diogo de Noronha, outro irmão do Marquês de Vila Real (indignando-se porque D. António, também irmão do Marquês, depreciara os seus dotes literários e verberando a ingratidão dos Portugueses); D. João Manuel, camareiro-mor da Casa Real (a cujos bons officios recorre para que os almoxarifes lhe paguem a tença); os irmãos Vasco Fernandes de Lucena — com quem se indispõe, talvez por causa de Pedro Rombo, seu ouvinte (40) — e Mestre Rodrigo (lamuriando-se do atraso com que lhe pagavam as lições); Jorge Furtado, irmão de D. Ana de Mendonça e tio de D. Jorge (fazendo queixas do seu antigo discípulo, desviado por más companhias após a morte de D. João II); Pedro de Alcáçova (recomendando-lhe o mestre de gramática Diogo Álvares para professor de um filho); Garcia Moniz, fidalgo da Casa Real,

---

(40) Cf. AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Estudos...*, ed. cit., p. 92.

tesoureiro da Casa da Moeda e fundador da Misericórdia (gabando-lhe o humanitarismo de «cultor do bem público»); o militar Martinho de Sousa (louvado por mandar ensinar latim aos jovens que em África serviam sob as suas ordens); o judeu siciliano Rabi Próspero (exortando-o a abraçar a fé católica, não sem fazer notar que os Judeus só perdem o «mau cheiro» quando se baptizam).

As cartas que Cataldo escreveu em nome de D. João II são dirigidas a papas (Inocência VIII e Alexandre VI), reis, imperadores, príncipes, grandes senhores, altos dignitários religiosos e leigos, etc. Recomendações pessoais, questões de direito marítimo — principalmente relacionadas com a pirataria —, aquisições de material de guerra, diligências diplomáticas na Europa, defesa de súbditos portugueses no estrangeiro, participação do casamento de D. Afonso com D. Isabel, apresentação de credenciais do feitor da Flandres, missões diplomáticas e religiosas em África são temas dessa correspondência. Menos numerosas (cerca de um quinto das anteriores), as cartas de D. Manuel tratam de assuntos semelhantes (41).

Das orações, a mais importante é a que reproduz a arenga de Cataldo em Évora, à chegada da princesa Isabel a Portugal (42). O orador começa por louvar os dotes físicos e morais da noiva de D. Afonso, passando depois a exaltar os méritos e virtudes dos reis de Castela, Fernando e Isabel, pais da princesa; segue-se o retrato

(41) Quase todas as cartas escritas por Cataldo em nome dos reis D. João II e D. Manuel foram traduzidas por Francisco Rodrigues Lobo e publicadas, três séculos depois, por iniciativa de Ricardo Jorge. Cf. *Cartas dos grandes do Mundo, coligidas por Francisco Rodrigues Lobo (1612)*; *cartas dos reis, senhores e homens insignes portugueses, trasladadas do códice do Museu Britânico*, ed., pref. e notas de RICARDO JORGE, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934.

(42) Cf. CATALDO PARÍSIO SÍCULO, *Duas orações*, pról., trad. e notas de MARIA MARGARIDA BRANDÃO GOMES DA SILVA, introd. e rev. de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, Coimbra, Faculdade de Letras (Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos), 1974, pp. 46-74, com leitura actualizada do original latino e versão portuguesa, que seguimos. A oração de Évora foi proferida em 1490; quatro anos depois, esteve em Portugal o médico alemão Jerónimo Münzer, que se encontrou com Cataldo e levou para a Alemanha uma cópia da arenga nupcial. Essa cópia, escrita na mesma letra em que está redigido o *Itinerarium* de Münzer (caligrafia de Hartmann Schedel), faz parte do códice latino n.º 431 da Bayerische Staatsbibliothek de Munique. Vem a propósito lembrar que também há muitos textos de Cataldo (nomeadamente, a oração de Bolonha) numa outra colectânea organizada por Schedel, em 1502: trata-se do cód. lat. n.º 953 da mesma biblioteca.



do noivo, no mesmo estilo grandiloquente. As notas biográficas mais interessantes, do ponto de vista cultural, são as que Cataldo consagra a D. João II e a D. Leonor: o rei é profundo conhecedor de vários ramos do saber, como astrologia, assuntos religiosos, filosofia, história e cosmografia, lê com prazer obras em latim («Quando componho alguma coisa, em verso ou em prosa, não encontro nenhum melhor corrector e crítico das minhas obras do que o nosso rei» — sublinha Cataldo (43)), dirige com mão de mestre a expansão marítima, é chefe militar clarividente e, ao passo que tudo envelhece no mundo, ele «torna-se diariamente mais jovem, mais forte e mais formoso» (44); a rainha é benigna, sagaz, prudente e culta, lê a língua latina com surpreendente facilidade e tem dotes incomparáveis de beleza. Reunidas tantas virtudes de ambos os lados, a natureza rejuvenesce, os povos aplaudem e Deus abençoa o casamento. «Porventura estou a gracejar? Porventura estou a mentir? Porventura estou talvez a adular?» — pergunta Cataldo, a terminar a oração (45). Se não gracejava, mentia piedosamente e adulava sem preconceitos. Estava no seu papel de orador. E talvez estivesse também a dar uma ideia deformada do Humanismo. Mas não era o primeiro a fazer isso — nem seria o último.

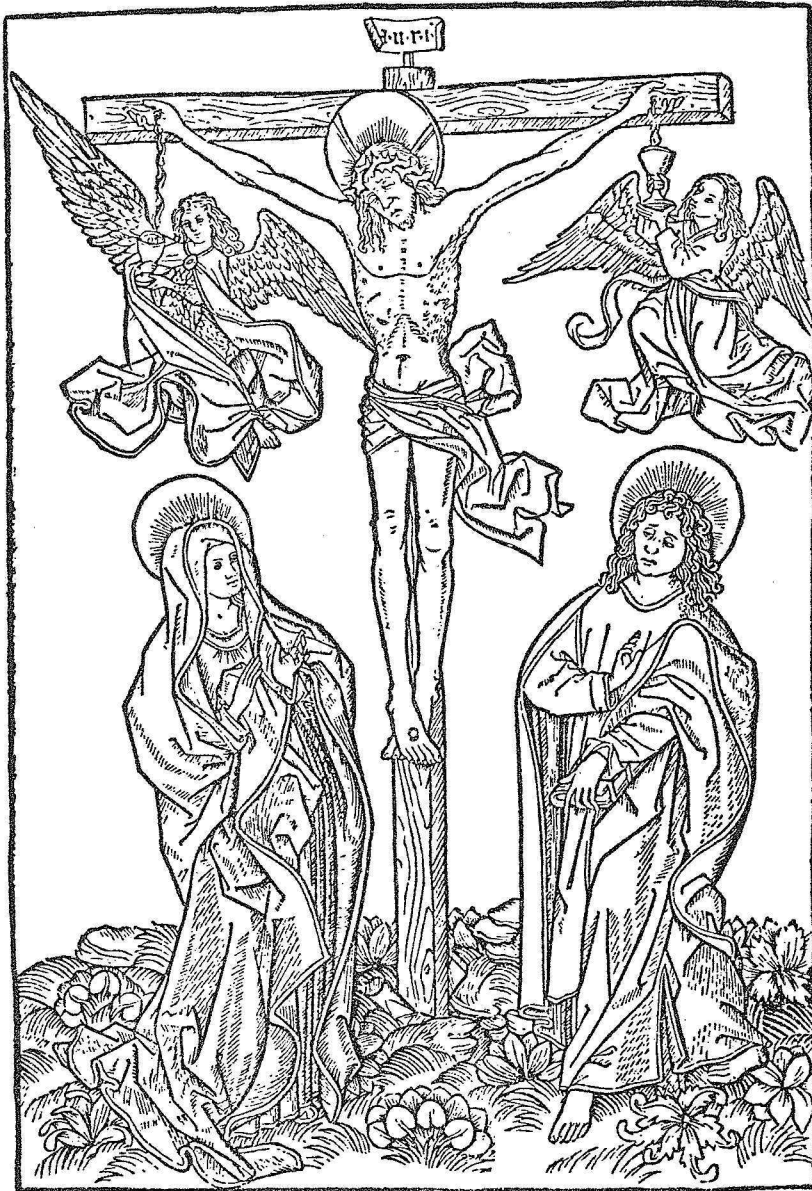
ARTUR ANSELMO

---

(43) CATALDO, *Duas orações*, ed. cit., pp. 56-57.

(44) Idem, *ibidem*, pp. 58-59.

(45) Idem, *ibidem*, pp. 68-69.



Calvário: xilogravura publicada na *Vita Christi*, em 1495, e reimpressa no *Missale Bra-charense* (Lisboa, Nicolau de Saxónia, 1498).

## A P Ê N D I C E

## REGISTO CATALOGRÁFICO

1. *Breuiarium Bracharense*

Texto litúrgico do rito bracaraense. Impresso em Braga, por João Gherlinc, *impensis* Pedro de Barzena. Concluído em 12 de Dezembro de 1494. Formato *in-quarto*. 328 folhas, com assinaturas. Caracteres góticos de dois tamanhos: 20 linhas com 60 mm e com 76 mm. Inicial *M* semelhante ao n.º 38 da tabela de Haebler. Composição em linha tirada e a 2 colunas, com 40 linhas por coluna. Espaços para iniciais. Lombardas de dois tamanhos: 3 e 7 mm. Impressão a preto e vermelho. Filigranas: mão e estrela; mão a abençoar; licórnios.

*Fls. 1-6*: Kalendarium; *fls. 7-64*: Psalterium; *fls. 65-180*: Proprium de tempore; *fls. 181-308*: Proprium de sanctis; *fls. 309-322*: Commune sanctorum; *fls. 325-328*: Regulae generales.

*Cólofon*: «Impressum est hoc opus breuiarii in augusta Bracharēsi ciuitate hispaniarum primatē: per magistrum Iohānem gherlinc alemanum impensis petri de barzena. Anno salutis christiane. M.cccc.lxxxiii. die .xii. Decembris.»

*Exemplares conhecidos*: 1 — Biblioteca Nacional de Lisboa (com falta dos cads. a<sup>1</sup> e b<sup>1</sup>, correspondentes às fls. 7-22); 2 — Câmara Municipal de Cantanhede (com falta da fl. 30; as fls. do Kalendarium estão mal dobradas); 3 — Mosteiro de Arouca (ex. dado como desaparecido).

2. *Almanach Perpetuum*

Texto de Abraão Zacuto, traduzido por José Vizinho. Impresso em Leiria por Abrão d'Ortas. Concluído em 25 de Fevereiro de 1496. Formato *in-quarto*. Três tiragens diferentes: duas com os cânones em latim (168 e 172 folhas) e uma com cânones em castelhano (170 folhas), com assinaturas. Caracteres góticos de um só tamanho: 20 linhas em 93 mm. Inicial *M*: n.º 49 da tabela de Haebler. Composição em linha tirada (cânones), com 32 linhas, e tabelas. Espaço para capitular. Impressão a preto. Filigrana: mão e estrela.

*Fls. 2-15* (2-11 em alguns exs. da versão latina e 2-16 na versão castelhana): cânones; *fls. segs.*: tabelas.

*Cólofon*: «Expliciūt tab'le tab'larum astronomice Raby abraham zacuti astronomi serenissimi Regis emanuel Rex portugalie et cet cū canonibus traductis a lingua

ebrayca in latinū per magistrū Ioseph vizinū discipulu eius actoris opera et arte viri solertis magistrī ortas curaque sua nō mediocri impresione cōplete existūt felicibus astris año a p'ma rerum etherearum circuitione 1496 sole existēte in 15 g 53 m̄ 35 s̄ piscium sub celo leyree.»

*Exemplares conhecidos:* 1 — Biblioteca Nacional de Lisboa; 2 — B. Pública de Évora; 3 — *Ibidem*; 4 — Paço Ducal de Vila Viçosa; 5 — B. Nacional de Madrid; 6 — B. Universitária de Salamanca; 7 — *Ibidem*; 8 — B. Colombina, Sevilha; 9 — B. Universitária, Sevilha (inc., sem os cânones); 10 — B. de Valência (desaparecido em 1965); 11 — B. Episcopal de Cartagena; 12 — Museu Britânico, Londres; 13 — B. Sainte-Geneviève, Paris; 14 — B. de Augsburg; 15 — B. do Congresso, Washington; 16 — Hispanic Society of America, Nova Iorque; 17 — Seminário Teológico Judaico, Nova Iorque; 18 — B. Pública, Nova Iorque; 19 — B. do Col. de Harvard, Cambridge, Mass.; 20 — B. Henry Huntington, San Marino, Calif.; 21 — B. da Univ. de Yale, New Haven, Conn.; 22 — B. da Univ. Brown, Providence, Rhode Isl.; 23 — Coleção Thacher, Jenkinton, Pens.

### 3. *Votiuale missarum secundum ritum Romane Curie*

Texto litúrgico do rito romano. Impresso em Lisboa, por Valentim de Morávia (Valentim Fernandes). Concluído em 10 de Março de 1496. Formato *in-quarto*. 110 folhas, com assinaturas. Caracteres góticos de um só tamanho: 20 linhas com 119 mm. Inicial *M*: n.º 93 da tabela de Haebler. Composição em linha tirada e a 2 colunas, com 26 linhas por coluna. Capitulares floreadas de dois tamanhos: 28×28 e 17×17 mm. Gravura em madeira com a marca do impressor (desenho inscrito numa cercadura grega, no qual aparece um leão coroado, que segura um escudo com o monograma do impressor, vendo-se logo abaixo as letras *I S V W H* e um olho donde caem cinco lágrimas; à volta da moldura, três versículos salmódicos: «Secundū multitudinē dolorum meorum in corde meo. consolationes tue letificauerunt animam meā. Et factus est mihi dominus in refugium»). Impressão a preto e vermelho. Filigrana: mão e estrela.

*Fl. 1:* falta no único ex. conhecido; *fls. 2-9:* Kalendarium; *fls. 10-12:* Tabula missarum; *fls. 13-22:* Ordo Missae; *fls. 23-110:* Missae Votiuale.

*Cólofon:* «Explicit votiuale missarū secundū ritū romane curie ad laudē dei omnipotētis et sue itemerate virginis et matris marie: magna cū diligētia reuisum ac fideli studio emedatū. Et impressum vlixbone per Valentinū d' morauia. Anno salutis. M.cccc.xcvj .x. die martij.»

*Exemplar conhecido:* 1 — Museu Britânico, Londres (sem as fls. 1 e 18).

### 4. *Thesaurus Pauperum siue Speculum Puerorum editum a magistro Iohāne de Pastrana*

Texto de Juan de Pastrana, com comentários de Pedro Rombo. Impresso em Lisboa, por Valentim Fernandes, provavelmente em 1497. Formato *in-folio*.

44 folhas, com assinaturas. Caracteres góticos de três tamanhos: 20 linhas com 100, 119 e 240 mm. Inicial *M*: n.º 93 da tabela de Haebler. Composição em linha tirada; comentários marginais em corandel. 30-36 linhas na mancha; 43 nos comentários. Letra *P* capitular, fitomórfica, recortada (50×50 mm); floreadas de dois tamanhos (28×28 e 17×17 mm); lombardas simples; caligráficas ornamentais. Três gravuras em madeira na portada: armas portuguesas (100×67 mm); esfera armilar (85×57 mm); cena de aula (65×92 mm). Duas gravuras de árvores gramaticais (250×170 e 250×150 mm) no texto. Onze tarjas ornamentais na folha de rosto. Impressão a preto e vermelho. Filigrana: mão, com flor-de-lis nas costas, sob flor de cinco pétalas.

*Fl. 1*: carta de Pedro Rombo a Valentim Fernandes; *fls. 2-44*: texto gramatical comentado.

*Cólofon*: não tem.

*Exemplar conhecido*: 1 — Biblioteca Nacional de Lisboa (encadernado como parte 1.ª da *Grāmatica Pastrane*).

#### 5. *Materiarum editio a Petro Rombo ex Baculo Cecorum*

Texto de Juan de Pastrana, com comentários de Pedro Rombo. Impresso em Lisboa, por Valentim Fernandes. Concluído em 27 de Maio de 1497. Formato *in-folio*. 16 folhas, com foliação e assinaturas. Caracteres góticos de dois tamanhos: 20 linhas com 119 e 240 mm. Inicial *M*: n.º 93 da tabela de Haebler. Composição em linha tirada. 30-36 linhas na mancha. Letra *G* capitular, fitomórfica, recortada (50×50 mm); floreadas de dois tamanhos (28×28 e 17×17 mm). Impressão a preto e vermelho. Filigrana: mão sob flor de cinco pétalas.

*Fl. 1*: carta de Pedro Rombo a Valentim Fernandes; *fls. 2-16*: texto gramatical.

*Cólofon*: Explicit materiarū editio a Petro rōbo ex bac'lo cecorū breuiter collecta. Impressa vero Vlixbone per Valentinū ferdinandī de morauia. Ad laudē oīpotentis dei eiusque genitricis Millesimo quadringentesimo nonagesimo septimo .vj. kalendas Iunij.

*Exemplar conhecido*: 1 — Biblioteca Nacional de Lisboa (encadernado como parte 2.ª da *Grāmatica Pastrane*).

#### 6. *Materie Antonii Martini a Baculo Cecorum*

Texto de Juan de Pastrana, com comentários de António Martins. Impresso em Lisboa, por Valentim Fernandes. Concluído em 20 de Junho de 1497. Formato *in-folio*. 30 folhas, com assinaturas. Caracteres góticos de dois tamanhos: 20 linhas com 119 e 240 mm. Inicial *M*: n.º 93 da tabela de Haebler. Composição em linha

tirada. 30-36 linhas na mancha. Letra *N* capitular, fitomórfica, recortada (50×50 mm); floreadas de dois tamanhos (28×28 e 17×17 mm). Tarja ornamental composta de seis frisos com motivos animais e vegetais, na fl. 1 r<sup>o</sup>. Marca do impressor, idêntica à do *Votiuale missarum* (n.º 3), mas sem legenda exterior. Impressão a preto e vermelho. Filigrana: mão sob flor de cinco pétalas.

*Fls. 1-29*: texto gramatical.

*Cólofon*: Expliciunt materie Antonii martini a baculo cecorum breuiter collecte cū regulis cōpositionum de amar et por amar et relatiuorū vt sui discipuli preceptores in scriptis huiusmodi suo tempore tradiderunt ad honorē dei omnipotētis necnō et sue genitricis virginis marie. Impressum vero Vlixbone per Valentīnū ferdinandī de morauia. Anno incarnationis domini Millesimo quadringentesimo nonagesimo septimo. Die vero .xx. mensis junij.

*Exemplar conhecido*: 1 — Biblioteca Nacional de Lisboa (encadernado como parte 3.<sup>a</sup> da *Grāmatica Pastrane*).

#### 7. *Breuiarium ad ritum et consuetudinem alme Compostellane Ecclesie*

Texto litúrgico do rito compostelano. Impresso em Lisboa, por Nicolau de Saxónia. Concluído em 31 de Maio de 1497. Formato *in-octauo*. 400 folhas, com foliação e assinaturas. Caracteres góticos de dois tamanhos: 20 linhas com 60 mm e com 120 mm. Inicial *M*: n.º 91 da tabela de Haebler no corpo maior; desconhecida a proveniência do corpo menor. Composição em linha tirada e a 2 colunas, com 36-40 linhas por coluna. Lombardas de dois tamanhos: 3 e 4-5 mm. Duas gravuras em madeira, a ilustrar a regra para determinação da letra dominical (fl. 7 r<sup>o</sup>). Impressão a preto e vermelho. Filigrana: mão e estrela.

*Fls. 1-8*: Kalendarium; *fls. 9-88*: Psalterium; *fls. 89-208*: Proprium de tempore; *fls. 209-399*: Proprium de sanctis.

*Cólofon*: Accipite modo sacerdotes optimi finem felicem breuiarij ad ritum et consuetudinē alme Cōpostellane ecclesie: studio preuigili examinatū: emendatūque cura diligentissima. Impressūque arte mira magistri Nicolai d' Saxonia Vlixbone. Anno salutifere christi incarnatiōis. M.cccc.xcvij. pridie. Kl'. Iunias. Laus deo.

*Exemplares conhecidos*: 1 — Biblioteca Nacional de Madrid (em pergaminho, com falta das fls. 1 e 9); 2 — B. da Real Académia de la Historia, Madrid (em papel, com falta do Kalendarium).

#### 8. *Missale secundum ritum et consuetudinem alme Bracharensis Ecclesie*

Texto litúrgico bracarense. Impresso em Lisboa, por Nicolau de Saxónia. Concluído em 20 de Junho de 1498. Formato *in-folio*. 228 folhas, com assinaturas. Caracteres góticos de dois tamanhos: 20 linhas com 110 mm e com 119 mm.

Inicial *M*: n.º 93 da tabela de Haebler. Composição a 2 colunas, com 40 linhas por coluna. Lombardas de dois tamanhos: 12 e 4-5 mm. Espaços para iniciais, por vezes, deixados em branco. Uma gravura em madeira: Calvário (250 × 155 mm), utilizada anteriormente na impressão da *Vita Christi*, em 1495. Pautado de 4 linhas para música de canto chão. Impressão a preto e vermelho. Filigranas: círculos e ovais, com coroas.

*Fl. 2 rº*: Título (bloco de 7 linhas dispostas em triângulo com vértice para baixo); *fl. 2 vº*: Regula perpulchra ad inueniendum Septuagesimam; *fls. 3-8*: Kalendarium; *fls. 9-139 rº*: Dominicale; *fl. 139 vº*: gravura do Calvário; *fls. 142-193*: Proprium de sanctis; *fls. 193-218*: Commune sanctorum; *fls. 219-227*: ofícios dos sacramentos (texto em português e latim).

*Cólofon*: Missale hoc sed'm ritum et cōsuetudinē alme bracharensis ecclesie: fidele studio reuisum: solertique cura castigatū emendatumque: fausto sydere est explicitum. Impressum florētī in ciuitate Vlixbonensi. Anno salutis christiane. Millesimo quadringentesimo nonagesimoque octauo .xij. Kalendas iulii. Ex officina Nicholai de Saxonia.

*Exemplares conhecidos*: 1 — Biblioteca da Ajuda, Lisboa (sem as fls. 1-8 e 139); 2 — B. Pública de Évora; 3 — B. Nacional do Rio de Janeiro (sem a fl. 35; insere, depois do cólofon — fl. 227 vº —, uma folha de verso em branco — 228 —, com texto alusivo à «Missa in commemoratione beate virginis marie», a qual termina na col. b, linha 26); 4 — B. Henry Huntington, San Marino, Califórnia.

#### 9. Epistole et Orationes quedam Cataldi Siculi

Texto de Cataldo Parfísio Sículo. Impresso em Lisboa, por Valentim Fernandes. Concluído em 21 de Fevereiro de 1500. Formato *in-folio*. 56 folhas, com assinaturas. Caracteres góticos de dois tamanhos: 20 linhas com 110 mm e com 119 mm. Inicial *M*: n.º 93 da tabela de Haebler. Composição em linha tirada, com 39-40 linhas na mancha. Letra *E* capitular, fitomórfica, recortada (50 × 50 mm); floreadas (17 × 17 mm). Marca do impressor, idêntica à do *Votiuale missarum* (n.º 3), mas sem legenda exterior. Impressão a preto. Filigrana: mão e flor de cinco pétalas.

*Fl. 1 rº*: Título em letras caligráficas ornamentais, sendo maiúscula a primeira (*E*) e minúsculas as restantes; *fls. 2-56*: texto.

*Cólofon*: Impressum vlyxbone. anno a partu virginis millesimo quingentesimo. mense februarij. die vicesimo primo.

*Exemplares conhecidos*: 1 — Biblioteca da Academia das Ciências, Lisboa; 2 — B. Pública Municipal do Porto; 3 — B. Geral da Universidade de Coimbra; 4 — B. Pública de Évora; 5 — Paço Ducal de Vila Viçosa; 6 — Museu Britânico, Londres; 7 — B. Bodleiana, Oxford; 8 — B. da Academia dei Lincei, Roma; 9 — B. de Göttingen; 10 — Hispanic Society of America, Nova Iorque.